

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

FERNANDO FERREIRA DE ALBUQUERQUE
SAMIA GARCIA MARTINS

VIDEODOCUMENTÁRIO
GAZETA DO POVO: JORNALISMO ONTEM E HOJE

CURITIBA
2016

FERNANDO FERREIRA DE ALBUQUERQUE
SAMIA GARCIA MARTINS

VIDEODOCUMENTÁRIO
GAZETA DO POVO: JORNALISMO ONTEM E HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Professora Mestre Alessandra Lemos

CURITIBA
2016

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho ao nosso Criador e a todas as pessoas que de alguma maneira nos ajudaram em algum momento de nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, nosso criador e em quem cremos com fé pura e simples. Aos nossos familiares que nos apoiaram em toda a jornada estudantil. Aos nossos professores que compartilharam seu conhecimento. Ao professor Luís Otávio que foi o incentivador no tema deste trabalho. À professora Alessandra Lemos, nossa orientadora. À Geórgia Lúcia da Gazeta do Povo que nos abriu todas as portas possíveis e impossíveis. Aos nossos entrevistados que foram cordiais e pacientes. E, como não poderia deixar de ser, agradecemos a nós mesmos. Foram quatro anos de muito esforço e dedicação. Parabéns, Samia e Fernando!

Não espere muito:
De todos espere pouco,
De poucos espere muito,
De um, talvez, espere tudo!

RESUMO

O presente trabalho analisa a mudança na rotina do jornalista por meio de um videodocumentário. A Gazeta do Povo foi escolhida por ser o maior jornal do Paraná. Para se chegar ao objetivo, foram realizadas entrevistas com profissionais que participaram do processo de transformação na rotina de trabalho na redação, com a informatização e a chegada da Internet no periódico entre os anos de 1990 e 2016. Esses jornalistas estiveram no período chamado de jornalismo tradicional, presenciaram a mudança da rotina de produção jornalística, e, por fim, se adaptaram ao que se chama, atualmente, jornalismo multimídia. Além do produto, esta pesquisa traz uma breve contextualização histórica do jornalismo, desde o início até aos dias atuais, e uma breve descrição da Gazeta do Povo. Os principais teóricos consultados foram Ciro Marcondes Filho (2002), Pollyana Ferrari (2006), José Carlos Fernandes e Márcio Renato dos Santos (2010), Bill Nichols (2005) e Maria Elisabete Antonioli e Enio Moraes Júnior (2016).

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Jornalismo Impresso; Jornalista Multimídia; Videodocumentário; Gazeta do Povo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PRIMEIRA EDIÇÃO DA GAZETA DO POVO, EM 1919	56
FIGURA 2 – FACHADA GAZETA DO POVO NA FUNDAÇÃO EM 1919	57
FIGURA 3 – FACHADA DA GAZETA DO POVO 2016.....	57
FIGURA 4 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO EM 1998.....	58
FIGURA 5 – GAZETA DO POVO EM 1998: COMPUTADORES.....	58
FIGURA 6 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO 2016	59
FIGURA 7 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO ATUAL	59
FIGURA 8 - PÁGINA INICIAL PORTAL GAZETA.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	13
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.2 PESQUISA DOCUMENTAL.....	14
3 JORNALISMO E JORNALISTA ONTEM E HOJE	16
3.1 TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO SEGUNDO O CONTEXTO HISTÓRICO	16
3.2 JORNALISMO NA ERA DIGITAL.....	19
3.3 PERFIL DO JORNALISTA NO CONTEXTO TRADICIONAL	22
3.4 O JORNALISTA NO CENÁRIO MULTIMÍDIA	26
4 GAZETA DO POVO	31
4.1 INÍCIO – DÉCADAS DE 1920 E 1930.....	31
4.2 DÉCADAS DE 1940 E 1950.....	32
4.3 DÉCADAS DE 1960 E 1970.....	32
4.4 DÉCADAS DE 1980 E 1990 – PRIMÓRDIOS DA ERA DIGITAL.....	33
4.5 DOS ANOS 2000 ATÉ OS DIAS ATUAIS	34
5 VIDEODOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO	37
5.1 O QUE É UM VIDEODOCUMENTÁRIO	37
5.2 PRODUÇÃO DE UM VIDEODOCUMENTÁRIO.....	38
5.3 DIRETRIZES DO VIDEODOCUMENTÁRIO	41
6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	44
6.1 DESCRITIVO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO	46
6.2 PRÉ-PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO	47
6.3 PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO.....	47
6.4 PÓS-PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
8 REFERÊNCIAS	54
9 ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO

Há um fenômeno acontecendo nos últimos anos e que não pode ser negado por teóricos, especialistas e pelos profissionais da área do jornalismo. Trata-se de uma transformação na maneira de realizar o trabalho jornalístico. Num curto período de tempo, a rotina do jornalista foi alterada drasticamente. E essa mudança está completamente ligada às novas tecnologias e à Internet.

Para se perceber como essas mudanças estão ocorrendo, decidiu-se produzir um videodocumentário que pretendeu mostrar, de maneira objetiva, como ocorre tal mudança. Entendeu-se que para compreender o processo de transformação na rotina do jornalista, a redação da Gazeta do Povo poderia oferecer muitas respostas. Isso porque o depoimento de profissionais que participaram do processo ajuda a compreender a transformação.

O videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”¹, apresenta depoimentos e percepções particulares de jornalistas que trabalham ou trabalharam nesse jornal no período entre 1990 e 2016, época em que essas transformações aconteceram – obviamente que tais transformações estão em curso. Quatro destes profissionais foram escolhidos internamente e disponibilizados pelo setor administrativo do jornal e os dois, que não integram mais o quadro de funcionários da Gazeta do Povo, foram selecionados pelo tempo de experiência como jornalista e o período em que trabalharam no periódico.

A Gazeta do Povo foi escolhida por se tratar do maior e mais antigo jornal do Estado do Paraná, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ)², dados de 2015, que relacionou os jornais de todo o território brasileiro em uma ordem dos maiores jornais do Brasil em circulação. A Gazeta do Povo ocupa o 22º lugar, o primeiro veículo do Paraná relacionado. Além disso, o motivo da escolha se deu devido ao periódico ter vivenciado o processo de transformação e, não menos importante, ter disponibilizado alguns de seus profissionais que participaram desse período.

O objetivo proposto, tanto na pesquisa quanto no produto, é apresentar, através do videodocumentário, as percepções – semelhantes ou opostas – das

¹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_qcz0QbxE8c

² www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/

transformações do trabalho do jornalista. Entre essas mudanças estão o ambiente de trabalho, a rotina de produção e os equipamentos utilizados, entendendo que o profissional precisou se adaptar.

Para o desenvolvimento desse trabalho fez-se, em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, a fim de compreender, teoricamente, o processo de surgimento, transformação e reconfiguração do jornalismo e do trabalho do jornalista. Ressalta-se que embora haja um embasamento teórico, o resultado do videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” é um produto jornalístico resultado do ponto de vista dos entrevistados, com suas experiências e vivências na Gazeta do Povo, não sendo, necessariamente, este produto sobre o veículo de comunicação.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro apresenta os aspectos metodológicos utilizados para a produção da pesquisa e do videodocumentário. Os métodos de pesquisa e as técnicas utilizadas foram estudados por Antonio Barros e Jorge Duarte (2009). Os dois pesquisadores apresentam as principais técnicas e características dos modelos de pesquisa, buscando a organização e a elaboração do trabalho. A orientação dos teóricos foi fundamental e serviu como guia para nortear a pesquisa.

Antonio Carlos Gil (2010) somou a este procedimento com a apresentação de elementos que trazem fundamentação para o projeto de pesquisa e a produção do videodocumentário. A partir do conteúdo apresentado pelo autor, foi possível realizar as etapas de delimitação do tema, pesquisa bibliográfica e documental.

No segundo capítulo, os temas foram definidos na ordem cronológica, com o jornalismo ontem; o trabalho do jornalista antes do aparecimento das tecnologias; o jornalismo atual e as novas plataformas que o profissional precisou se adaptar. Ciro Marcondes Filho (2002) apresenta o jornalismo chamado tradicional, enquanto Pollyana Ferrari (2006), e outros autores, evidenciam as transformações no trabalho da composição da matéria jornalística, levando em conta a inserção do digital na rotina dos profissionais em comunicação

Felipe Pena (2008) destaca os conceitos do jornalismo, apresentando os modelos utilizados para produções jornalísticas, como o lide, a pirâmide invertida e, também, as plataformas online em que a notícia, hoje, pode ser produzida e divulgada. Luiz Costa Pereira Junior (2009) e Luiz Caversan (2009) constroem nesta

pesquisa a base da fundamentação teórica para apresentar o histórico do jornalista, ainda no modelo tradicional de produção da notícia.

Conceituando o termo multimídia, Fábio Henrique Pereira e Thais Mendonça Jorge (2009) afirmam que se trata de “uma integração sincrônica e unitária de conteúdos expressados em diversos códigos, principalmente mediante textos, sons e imagens.” (JORGE; PEREIRA, 2009, p. 57). Considerando, neste ponto, a necessidade de o jornalista se adequar às múltiplas plataformas de conteúdo, ou seja, a capacidade dos profissionais trabalharem com essas diferentes ferramentas torna-se uma nova exigência.

Os autores Enio Moraes Júnior, Maria Elisabete Antonioli (2016) e Elza Aparecida de Oliveira Filha (2011) apresentam a discussão sobre as mudanças sofridas pelo jornalista, pressupondo que é essencial reconhecer a necessidade de se adequar às exigências dos meios de comunicação no que diz respeito ao trabalho multimídia. Esta necessidade de adequação foi tema de investigação no videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”, na intenção de compreender a adaptação do jornalista ao novo cenário que altera a forma de fazer jornalismo.

A troca de um equipamento por outro, a reconfiguração nos formatos de produção, a adaptação do profissional às tecnologias e as múltiplas plataformas, são fatores de estudo da pesquisa teórica e temas fundamentais para a produção deste videodocumentário.

No terceiro capítulo, fez-se a apresentação da Gazeta do Povo, veículo em que os jornalistas entrevistados trabalham ou trabalharam em algum período da carreira como profissional em jornalismo. José Carlos Fernandes e Marcio Renato dos Santos (2010) apresentam uma retrospectiva dos 90 anos de existência da Gazeta do Povo. Os autores expõem uma série de acontecimentos importantes no decorrer da história do periódico que circula no Estado do Paraná desde 3 de fevereiro de 1919.

No quarto capítulo, buscou-se analisar e entender a definição e construção de um videodocumentário e os modelos existentes. Bill Nichols (2005) explica como se dá a elaboração deste tipo de produto e apresenta a teoria sobre a contextualização do assunto. Além disso, Nichols (2005) e Fernão Pessoa Ramos (2008) expõem os procedimentos narrativos necessários para a construção de um documentário e as

técnicas documentárias que estão sendo usadas na imagem documentarista. Além das formas de ver e mostrar o mundo.

Cathrine Kellison (2007), concordando com Nichols (2005) e Ramos (2008), faz uma abordagem teórica do conteúdo prático que precisa existir na produção de um vídeo, desde a elaboração do roteiro, a maneira com que se dá a entrevista e os processos de pré-produção, produção e a pós-produção.

Vale salientar, nesta etapa, que o documentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” agrega as características do documentário expositivo. Para Nichols (2005), “esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética.” (NICHOLS, 2005, p. 142). Ou seja, esse tipo de documentário depende das informações transmitidas verbalmente.

Desta maneira, iniciou-se o processo de construção do conteúdo que explica as mudanças na rotina de trabalho dos jornalistas profissionais inseridos, agora, ao universo multimídia. A apresentação do videodocumentário com profissionais que viveram e presenciaram os processos de transformação no trabalho jornalístico dentro da Gazeta do Povo, representa, na prática, a realidade reconfigurada no modo de produção do jornalista.

2 METODOLOGIA

Para elaboração do conteúdo deste trabalho, foram cumpridas etapas referente ao presente relatório monográfico, que embasa teoricamente o produto proposto, isto é, o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”. Além disso, foram cumpridas outras etapas que se referem às fases de produção jornalística e audiovisual.

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Este videodocumentário surgiu da necessidade de compreender como ocorreram as transformações no modo de fazer jornalismo com o advento das tecnologias e da Internet. A partir do pressuposto de que houve uma mudança na rotina do jornalista, optou-se por fazer este produto com alguns profissionais que testemunharam o processo de mudança na maneira de fazer jornalismo na Gazeta do Povo.

É importante destacar nesta parte que foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história do jornalismo e o jornalista inserido neste meio. Os tópicos são: as transformações no jornalismo segundo o contexto histórico; o jornalismo na Era digital; o perfil do jornalista no contexto tradicional e o jornalista no cenário multimídia. Desse modo, foi possível compreender o contexto histórico da profissão com ênfase no período em que a rotina do jornalista foi drasticamente afetada, tendo como referência o ambiente de redação da Gazeta do Povo.

Para isso, foi utilizada, em primeiro lugar, a pesquisa bibliográfica. Esta com a finalidade de utilizar materiais com conteúdo produzido por teóricos referente ao tema proposto, como livros, artigos e pesquisas já realizadas. Gil (2010) explica que “a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em material elaborado por autores com propósito específico de ser lido por públicos específicos.” (GIL, 2010, p. 30).

Barros e Duarte (2009) salientam a importância e complementam o que Gil (2010) afirma, entendendo que a pesquisa bibliográfica é um levantamento de dados de bibliografias já publicadas que facilitam a relação entre pesquisador e conteúdo. Dessa maneira, Barros e Duarte (2009) explicam:

Um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar, obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que

permitem recuperá-los quando necessário. (BARROS; DUARTE, 2009, p. 54)

Essa pesquisa bibliográfica se dá a partir da investigação de fontes que escrevam e expliquem sobre o assunto escolhido. Para a pesquisa bibliográfica, Gil (2010) entende que é necessário, antes de tudo, fazer a escolha do tema. No caso deste videodocumentário, o tema foi “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”.

A partir disso, foi possível elaborar o problema da pesquisa e delimitar o espaço no qual está fundamentado o presente trabalho. Gil (2010) completa e exalta a importância desta pesquisa no momento em que entende que o pesquisador precisa estar familiarizado com o tema de estudo:

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação. (Gil, 2010, p. 46)

Após a escolha do tema e a pesquisa preliminar, fez-se necessário formular o problema da pesquisa em si, na intenção de que a resposta para o questionamento fosse encontrada. Definido o problema, a delimitação do espaço e o conteúdo que foi pesquisado, tornou-se fundamental a estruturação do trabalho e a organização dos capítulos que apresentam o conteúdo proposto, como citado na introdução deste relatório.

Gil (2010) explica que depois disso é necessário fazer a identificação das fontes. Para ele, essas fontes precisam ser “capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto.” (GIL, 2010, p. 49). Conhecendo o tema, o problema da pesquisa já delimitado e reunindo essa série de fontes bibliográficas, a base da pesquisa se constitui e o estudo é fundamentado.

2.2. PESQUISA DOCUMENTAL

Além da pesquisa bibliográfica, foi utilizada a pesquisa documental. Para Gil (2010), essas duas modalidades fazem uso de dados já existentes, mas há uma diferença no que diz respeito à natureza das fontes. O autor entende que a pesquisa documental “é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da História e da Economia.” (GIL, 2010, p. 30).

Neste trabalho, a pesquisa documental se baseou em materiais como documentários já existentes, jornais antigos da Gazeta do Povo e fotos de arquivo disponibilizadas pelo acervo do periódico. Gil (2010), completa que “a pesquisa documental vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas, tais como assentamento, autorização, comunicação etc.” (GIL, 2010, p. 30). Dessa maneira, foi possível ter como referência os conteúdos já existentes para a construção deste produto.

O que norteou a construção deste documentário foi o curta-metragem sobre a Folha de S. Paulo, “Toda a Folha”³, do ano 2011. O modelo de entrevistas, o roteiro e a passagem dos assuntos abordados foram referenciais para a elaboração, considerando a sequência do conteúdo que foi pretendido apresentar.

As capas das edições antigas foram pesquisadas, conforme a ilustração dada ao texto na sequência da construção textual, e disponibilizadas pelo setor responsável do acervo da Gazeta do Povo. Gil (2010) considera que o pesquisador pode realizar os estudos em plataformas diversas, “pode valer-se de documentos contidos em fotografias, filmes, gravações, sonoras, disquetes, CD-ROM, DVDs, etc.” (GIL, 2010, p. 66).

O entendimento e a execução destas duas pesquisas – bibliográfica e documental – serviram como orientação para que o videodocumentário fosse estruturado. Após estas etapas, iniciou-se, então, as fases da pré-produção, produção e a pós-produção.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3LujW-cYLjY>

3 JORNALISMO E JORNALISTA ONTEM E HOJE

Para que haja a contextualização do surgimento e do processo de transformação do jornalismo e, sobretudo, compreensão do tema proposto neste trabalho, fez-se a abordagem do conteúdo histórico do jornalismo e do jornalista no seu trabalho. Tendo em vista, também, a produção do videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”, que trata destes itens e faz do jornalista o personagem que narra suas experiências, a sua rotina e as transformações que a profissão sofreu nos últimos anos.

3.1 TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO SEGUNDO O CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo *Ciro Marcondes Filho (2002)*, cogita-se a existência do jornalismo desde o Império Romano. O imperador *Júlio César* fazia uma espécie de jornal para divulgar as conquistas militares e a expansão do Império. As notícias eram publicadas diariamente, de cunho científico e político, utilizando placas de madeira e papel para “impressão” dos escritos. Como ainda não havia a rapidez de transporte de materiais, mesmo sendo diário, o jornal apresentava notícias de dias anteriores e já ultrapassadas.

Felipe Pena (2008) considera isto os primórdios da construção jornalística e a tentativa de fazer publicações de cunho informativo destinada à população.

Mas até o advento do papel, por volta do século X, o papiro foi o grande vedete, principalmente na Antiguidade Clássica. Era nesse suporte, por exemplo, que os romanos escreviam a *Acta Diurna*, relato diário do que acontecia no Senado e na vida social e política do Império. Sob certa perspectiva, poderíamos até considerar esses relatos como uma forma de jornalismo, pois têm periodicidade e identidade. (PENA, 2008, p. 27)

Já na Idade Média, os jornais obtiveram uma transformação radical: a prensa gráfica do inventor alemão *Johannes Gutenberg*, em 1455. Antes, o trabalho para transpor o que estava no papel para um elemento maior – próprio à divulgação, como a placa de madeira – era feito manualmente e, com a prensa gráfica de *Gutenberg*, o serviço era das máquinas, fazendo com que a publicação de jornais, livros, escritos e documentos, fossem publicados de maneira fácil, barata e rápida.

Marcondes Filho (2002) apresenta um breve resumo histórico do jornalismo. Segundo o autor, entre 1631 e 1789, havia o “Jornalismo Artesanal”. Este era apresentado em poucas páginas e os assuntos demonstravam a realidade ocorrente na sociedade, como catástrofes e mortes, sendo o conteúdo produzido por um agenciador individual.

O mesmo autor, considera que, a partir disso, tem-se o primeiro jornalismo de gênero: o político-literário, entre 1789 e 1830. Surge, neste momento, a profissionalização e a primeira estrutura de um ambiente de uma redação. Dividido em setores, com edição e direção, os textos eram escritos por políticos, cientistas e escritores, evidenciando a crítica da política existente na época e partindo do princípio de progresso.

Durante esse período, a atividade de produzir e fazer a distribuição de jornais, livros, dentre outros similares, tornava-se popular e acessível, de maneira que a sociedade pudesse ter acesso aos materiais. Marcondes Filho (2002) explica que é nesse ponto que o jornalismo passa a se profissionalizar, com o surgimento dos primeiros cursos de comunicação nas universidades da Europa. Foi nessa época, ainda, que a profissão foi regulamentada.

Entre 1830 e 1900, surge a imprensa de massa com os jornalistas profissionais. Eram consideradas, a partir de então, o furo de reportagem, as enquetes e as entrevistas. As primeiras capas de jornais, passam, a partir de então, a basear-se no conteúdo que estava inserido no produto, com as principais matérias e chamadas para cada página, como Marcondes Filho (2002) explica:

Primeiramente, a partir de meados de 1850, com a criação da rotativa e dos processos de produção de jornais em massa. Aqui, o aumento fantástico da produção significou uma total reorientação da indústria jornalística no sentido de render lucros e se tornar economicamente auto-sustentável. (MARCONDES, 2002, p. 32)

A atividade jornalística atinge o auge da popularidade no século XX, considerado o período entre 1890 e 1920 a “Era de Ouro dos Jornais”. Os materiais impressos eram comprados e lidos diariamente. O produto jornalístico e a informação eram consumidos pelas sociedades que consideravam o trabalho importante e fundamental para a formação e a construção do pensamento crítico.

A imprensa monopolista surge logo após a imprensa de massa, permanecendo até os anos de 1960, aproximadamente. Há, neste momento, a criação do jornalismo segmentado, com matérias de esporte, também com temas

infantis, conteúdo político e literário. Pena (2008) explica que esta fase da imprensa monopolista foi “marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado.” (PENA, 2008, p. 33)

Na década de 1970 acontece a Guerra Fria e a introdução das novas tecnologias inicia-se a partir deste momento, com investimentos militares. Cria-se, então, a concepção de rede capaz de se reproduzir em todos os terminais, formando um sistema de informações.

Os primeiros aparelhos, necessários para o uso militar, para as estratégias de segurança e sistemas de vigilância, para a fabricação de dispositivos de guerra não-convencionais serviriam, em suma, para dotar o conflito militar de um componente de inteligência numa dimensão superior, inalcançável e indestrutível pelo ‘inimigo’. (MARCONDES, 2002, p. 35)

A partir disso, acontece o processo de informatização – momento em que o mundo globalizado se adapta e adere ao computador e às funções que este disponibiliza. Criando, nos meios de comunicação, um “sistema absoluto” de uso da informática e distribuição da informação produzida a partir do uso das tecnologias.

Depois, a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações. São várias fontes igualmente tecnológicas, que recolhem material de todos os lados e produzem notícia. (MARCONDES, 2002, p. 30)

Acrescenta-se a informação eletrônica e interativa, que promove um grande impacto para os meios de comunicação e a sociedade. Desse modo, foi possível ver com rapidez aquilo que era produzido como matéria jornalística. A participação da sociedade, neste processo, faz com que haja a alteração nas funções do jornalista, afinal, o corpo social tem a possibilidade de produzir a informação, com as tecnologias e as redes informatizadas.

Estava inaugurado, então, o trabalho jornalístico dentro da web. Com a popularização, a rapidez e o baixo custo no acesso de materiais, a Internet se tornou produto de avanço tecnológico e essencial para o jornalismo. Pollyana Ferrari (2006), afirma que o jornalista – nesta nova fase – precisa adequar-se aos novos modelos práticos que este meio disponibiliza:

Já os jornalistas on-line precisam sempre pensar em elementos diferentes e em como eles podem ser complementados. Isto é, procurar palavras para

certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante. (FERRARI, 2006, p. 2006)

Marcondes Filho (2002) evidencia que a adoção do uso de computadores e o acesso à Internet tornaram-se fundamentais para as grandes empresas jornalísticas. O autor compreende que houve completa reformulação no modo de trabalhar e, por isso, o jornalismo precisa se adaptar “a alta velocidade de circulação de informações, exigindo que o homem passasse a trabalhar na velocidade do sistema”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 36)

3.2 JORNALISMO NA ERA DIGITAL

Para compreender a inserção e evolução do jornalismo na Internet e todas as transformações decorrentes desse processo tecnológico, Ferrari (2006) faz uma retrospectiva do histórico da Internet, sua criação e avanços ocorridos com o passar dos anos. A autora explica que foi criada a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (ARPANET), uma rede de computadores em escala nacional que possibilitava a comunicação nos Estados Unidos caso acontecessem ataques da União Soviética e outros países. Dessa maneira, pesquisadores de universidades e usuários do sistema de rede produziam pesquisas a fim de obter mais conhecimento e aprimoramento.

Dezesseis anos após a (ARPANET), a Fundação Nacional de Ciência (NSF) contribuiu de maneira significativa para que a Internet possibilitasse a interação e comunicação de pesquisadores em todo o país através dos computadores. Sobre a rede de computadores e a Internet, Ferrari (2006) explica:

O cenário no final dos anos 80 era este: muitos computadores conectados, mas principalmente computadores acadêmicos instalados em laboratórios e centros de pesquisa. Mas, enquanto o número de universidades e investimentos aumentava, tanto na capacidade de hardwares como dos softwares usados nas grandes redes de computadores, outro núcleo de pesquisadores, até bem modesto, criava silenciosamente a World Wide Web (Rede de Abrangência Mundial), baseada em hipertexto e sistemas de recursos para a Internet. (FERRARI, 2006, p. 16)

Com isso, iniciou-se o uso do *WWW*. – ideia originada das siglas da Rede de Abrangência Mundial – para identificar os portais instalados nas redes existentes. O sucesso se deu rapidamente. Segundo Ferrari (2006), em 1996, já existiam 56 milhões de usuários do *WWW*. no mundo.

A partir disso, desenvolveu-se a relação entre Internet e jornalismo. Os meios de comunicação passaram a divulgar as notícias e matérias no ambiente virtual através dos portais instalados nas redes de computadores, criando identificação, característica própria como formatação, cores utilizadas e caracterização do portal.

O trabalho jornalístico passou, então, a ser desenvolvido também para a Internet. E, a partir do público-alvo, as pautas eram segmentadas e estabelecidas pelas empresas de comunicação. Porém, foram necessárias algumas mudanças na maneira de se informar. Percebeu-se com o tempo que os leitores de produtos online absorviam a quantidade de dados que lhes era oferecido, “informando-se”, apenas, com o superficial ou o resumo do fato.

Ferrari (2006) utiliza a explicação de Pierre Lévy (1990) para evidenciar o comportamento do leitor on-line resultante da construção facilitada e rápida que a Internet proporcionou. Com isso, a autora expõe:

Criamos uma sociedade com uma consciência sem história, sem passado, voltada para a atemporalidade da “inteligência artificial”. Vivemos a sociedade da informação que não informa, apenas absorve grandes quantidades de dados. (LÉVY, 1999 apud FERRARI, 2006, p. 21)

O fato é que a Internet não foi e nem é algo passageiro ou que evidencia, de alguma maneira, o regresso aos tempos antigos em que para enviar informações ou notícias era necessário escrever uma carta, enviá-la e esperar o tempo previsto para alguma resposta – se é que esta era recebida. O e-mail, por exemplo, faz esse trabalho e o usuário que se serve da rapidez e facilidade que este serviço oferece, provavelmente não regressaria ao hábito de escrever cartas.

Segundo a autora, no Brasil, o primeiro site jornalístico foi o Jornal do Brasil, em 1995, e, após este, a versão destinada à Internet de O Globo. A aposta estava em fazer a divulgação de materiais de forma rápida e em larga escala, a fim de que o leitor encontrasse tudo o que procurava no site, sem a necessidade de fazer a busca no concorrente.

Mas, compreendeu-se a partir de 2001, a necessidade de mostrar o diferencial na Internet. O investimento com a criatividade de produção e elaboração do design precisaria ser alto para receber as grandes demandas e exigências dos usuários. Ferrari (2006) explica sobre a integração da viabilidade financeira e o produto de qualidade:

O mercado passou a preocupar-se mais seriamente com a integração entre conteúdo de qualidade, design acessível e viabilidade financeira – a ser obtida não mais com o aporte abundante de capital dos investidores, mas com a obtenção de receita por publicidade, um caminho certamente bem mais difícil. (FERRARI, 2006, p. 28)

Com as novas tecnologias inseridas na maneira de se produzir o conteúdo jornalístico, toda a rotina e estrutura de grandes jornais foram transformadas. O que antes era digitado manualmente nas máquinas de escrever, agora é substituído pela produção facilitada nos computadores que, além de produzirem, também passaram a ser utilizados como armazenadores.

Marcondes Filho (2002) também comenta o contexto apresentando essa substituição de equipamentos por outros e a maneira com que a maneira de produção jornalística foi sendo moldada de acordo com a inserção das tecnologias:

Os terminais de vídeo substituem as máquinas de escrever, a gráfica separa-se fisicamente da redação, a diagramação deixa de ser manual para ser eletrônica, o texto passa a ser virtual: uma imagem na tela que é ao mesmo tempo distribuída, mexida, adaptada segundo a dinâmica da própria página. (MARCONDES, 2002, p. 35)

Diante do avanço tecnológico, as novas configurações sociais e comportamentais, bem como suas consequências, surgem as questões que norteiam este trabalho. Destacam-se, neste ponto, os elementos explicados por Ferrari (2006) “os elementos que compõe o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos”. (FERRARI, 2006, p. 39)

Marcondes Filho (2002), neste contexto, concorda com Ferrari (2006) no momento em que apresenta as funções do computador sobre a produção jornalística. O autor afirma que o computador se tornou o próprio jornal, editado online e acessível para toda a população dentro ou fora do território em que o meio de comunicação trabalha e produz os conteúdos.

As novas tecnologias digitais introduzem a “imaterialidade jornalística”. Na tela do computador, o texto jornalístico perde a materialidade e se torna pura fibrilação visual de pontos, um texto permanentemente provisório, nunca terminado, passível de interferências por todos os que por ele passam e em todos os momentos da produção do jornal. (MARCONDES, 2002, p. 47)

Com isso, é possível identificar que, para acompanhar as exigências do conteúdo online e também do receptor das informações divulgadas na web, o

jornalista passa a utilizar novas ferramentas para a produção do trabalho. Quando ainda estava inserido ao jornalismo tradicional – com o jornal impresso, neste caso – as produções eram limitadas. Agora, com o espaço virtual, considera-se essencial que o profissional se adeque às convergências tecnológicas. Wilson Dizard Jr. (2000) explica:

A atual transição para um ambiente de nova mídia difere das experiências passadas, quando as tecnologias surgiam lentamente. A introdução de formar de antigas tecnologias de mídia como o jornal impresso, o rádio e a TV foi mais disciplinada. Um tempo suficiente se passava entre uma e a próxima, permitindo separar as consequências econômicas e sociais das mudanças. (DIZARD, 2000, p. 255)

Agora, portanto, a mídia precisa lidar com as novas convergências da tecnologia que se instalam no campo online de uma maneira veloz e abrangente, tanto para os especialistas e estudiosos da comunicação, quanto para o receptor de conteúdos em larga escala.

3.3 PERFIL DO JORNALISTA NO CONTEXTO TRADICIONAL

Antes de compreender o jornalista inserido neste modelo tradicional, faz-se necessário identificar a definição do trabalho que um jornal desempenha, por sua própria função de informar, expor fatos existentes ou noticiar acontecimentos. Ricardo Noblat (2008) traz a definição do que é, por ele, entendido pelo termo “jornal”:

Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la. Pois, se não lhe faltarem talento e coragem, refletirá tão-somente uma consciência que de todo ainda não amanheceu. Mas que acabará por amanhecer. (NOBLAT, 2008, p. 21)

Após isso, considera-se importante definir a notícia. Segundo Noblat (2008), o fato noticioso não está no comum, mas no curioso e naquilo que se distancia da rotineira realidade. Para o autor, os manuais de jornalismo ensinam que a notícia é todo fato de relevância que desperte interesse no público, mas, para Noblat (2008), a verdade é que notícia “é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público.” (NOBLAT, 2008, p. 31)

Partindo disso, da construção jornalística sobre os fatos, o processo de produção e divulgação da notícia se dá a partir do profissional que, observando o

fato à sua maneira, faz uma transcrição do acontecimento a fim de informar aqueles que recebem o conteúdo publicado. Luiz Costa Pereira Junior (2009) explica que o método para a elaboração de uma notícia depende de vários fatores e “personagens”, como o jornalista e o meio de comunicação.

No ciclo de produção da notícia, atuam sujeitos, veículo, convenções da rotina profissional e interesses corporativos. Há hierarquias, filtros, barganhas, hábitos incorporados, improvisos forçados pela pressão do fechamento, interstícios da organização, que tornam a informação resultado de uma manufatura, uma manipulação em cadeia nem sempre condicionada por apenas um agente produtivo. (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 14 - 15)

O desenvolvimento dos canais da informação, incluídos os meios de comunicação tradicionais, se deu relativamente ao crescimento e ampliação dos campos jornalísticos. Para Pena (2008), o interesse desses canais sempre está atrelado a fatores econômicos ou políticos e, na maioria das vezes, os dois fatores juntos são influenciadores do crescimento informativo (PENA, 2008, p. 33).

Pereira Junior (2009) esclarece, ainda, que o trabalho jornalístico estaria, então, na prática de explicar a conexão de eventos que produzem o fato e legitimar a realidade deste fato com a elaboração do conteúdo. O jornalista precisa apresentar a versão mais condizente com a realidade. Para o autor, “os fatos serão mais sólidos quanto mais implicados estiverem numa cadeia mais ampla, coesa e interdependente de eventos.” (PEREIRA, 2009, p. 30).

Este jornalista, então, se torna um mediador ou, como citado por Pereira Junior (2009), um intérprete dos acontecimentos a partir da percepção que se tem da realidade.

A realidade que advém daí não é o que a metafísica chamaria de essência. Não é o que os empiristas cravariam como o mundo palpável, mas uma síntese mental, uma moldura perceptiva, uma interpretação, uma tendência de sentido. O jornalista é, portanto, intérprete. Não um intérprete qualquer. Ele trabalha sobre um substrato de vestígios, testemunhos e elementos, constrói um contexto para o fato por ele isolado. (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 30)

O jornalista – assumindo o papel de mediador entre o acontecimento e o receptor – transmite a realidade a partir do olhar próprio, mas precisa, neste ponto, ser cauteloso para traduzir com fidelidade o que foi visto. Dessa maneira, pode-se considerar como um erro cometido pelo profissional quando este não se desprende, mesmo que parcialmente, das próprias ideologias e convicções.

O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de 'neutro'. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 38)

Este jornalista estava inserido em uma estrutura tradicional de redação, que era dividida de acordo com os assuntos apresentados por cada parte do jornal – temas como política, esportes, notícias internacionais. E, esses profissionais realizavam a composição do material jornalístico. Luiz Caversan (2009) afirma e explica esta divisão:

A organização da redação tal a qual a conhecemos hoje foi sendo formatado ao longo das primeiras décadas do século XX, quando a divisão das edições por temas ou assuntos determinou a organização interna dos jornalistas em grupos, atuando sob uma chefia. Ou seja, havia o chefe da economia, que comandava repórteres e redatores dedicados aos assuntos econômicos, o chefe da política, de esportes, de artes e cultura etc. (CAVERSAN, 2009, p. 11)

O início do trabalho do jornalista era com a redação. Esta etapa demandava tempo para a produção. Caversan (2009) explica esse processo detalhadamente, expondo a técnica do qual se fazia uso pelo profissional, que escrevia em uma lauda (uma folha de papel) que, geralmente, tinha na composição o espaço de 20 linhas, de 70 caracteres.

Após isso, um profissional qualificado copiava o texto que havia sido escrito pelo jornalista e transcrevia para uma máquina com mais de dois metros de altura chamada "linotipo". Esse processo transformava o texto em uma matriz de chumbo, que já era estruturada com o tamanho do corpo das letras. Era a distância entre estas linhas e as colunas organizadas pelo diagramador que estabelecia o tamanho e o conteúdo da matéria de acordo com a disposição no jornal.

A partir da matriz, era produzida a folha de papel colocada sobre as letras, ainda úmidas pela tinta e, nesta fase, fazia-se a correção ou revisão do texto da matéria. Finalizado este procedimento, era realizada a impressão dos jornais.

É possível identificar, neste processo, tanto a utilização de técnicas manuais quanto a apropriação do uso da máquina fazendo parte da composição do material jornalístico. Caversan (2009) explica que, neste momento, as máquinas ainda não eram os computadores, mas apenas processadores eletrônicos.

As máquinas eram, na verdade, apenas processadores eletrônicos de texto, não propriamente computadores, porque eles serviam para escrever e mandar o texto para a fotocomposição, onde se transformavam as folhas de papel fotográfico que, por sua vez, seriam transformados em páginas no paste-up. (CAVERSAN, 2009, p. 15)

A mudança do uso da máquina de escrever para a utilização dos processadores eletrônicos fez com que acontecesse um processo de ganhos e perdas. Caversan (2009) explica que os jornalistas, no geral, foram obrigados a conviver com erros publicados nos materiais, já que o uso do computador extinguiu a função dos corretores de textos, que eram essenciais no processo anterior feito pela matriz.

Entre parte dos repórteres e redatores, havia certo comodismo, até porque os eventuais deslizes cometidos na hora de se redigir textos seriam detectados e resolvidos pelo 'pessoal da revisão', na verdade heróis anônimos responsáveis por evitar que muita bobagem fosse passada aos leitores. (CAVERSAN, 2009, p. 16)

Estes "heróis anônimos", citados por Caversan (2009), perderam suas funções e, a partir desse momento, o jornalista ficou responsável por escrever, também, o texto final, referente à matéria, de modo correto e garantindo o acerto nas informações. Com isso, iniciou-se o processo de mudança dentro da estrutura organizacional de um meio de comunicação. Enquanto antes havia um profissional designado para a função de escrever e outro para corrigir, agora o jornalista precisaria escrever de maneira exata, corrigindo o próprio texto e transferindo esta escrita para os computadores.

No início dos anos 1990, não foi apenas a maneira de se escrever que foi alterada. Os títulos, a disposição das fotografias, a organização das páginas, legendas, passaram a ser produzidos diretamente na tela dos computadores – adequando-se, também, às novas demandas com a inserção desta tecnologia.

A estrutura da redação de um jornal era bastante diferente do que é hoje. A composição desta estrutura se dava a partir do que Caversan (2009, p. 21) define por "comando central", formado pela direção de redação, os editores-executivos e os secretários de redação, e essas funções estavam submetidas às decisões das editorias.

Caversan (2009) apresenta a estrutura física do jornal e explica que até meados dos anos 1980 havia uma característica evidente nas redações dos jornais:

o barulho. O som do teclado das máquinas de escrever e a conversa entre os profissionais era um aspecto perceptível entre o cenário da redação jornalística.

Essa característica barulhenta foi alterada pela chegada do computador. Isso fez com que o ambiente de trabalho se tornasse mais calmo e, além disso, possibilitou a facilidade no processo de produção das editorias. Caversan (2009) explica:

Todos os computadores de um mesmo jornal estão interligados em rede. Isso faz com que os profissionais de uma mesma editoria tenham acesso ao material uns os outros e que os coordenadores possam ver o material de todos os seus subordinados, da mesma forma que a coordenação geral acessa tudo o que é feito por todos. (CAVERSAN, 2009, p. 34)

Caversan (2009) também faz uma separação entre as funções exercidas dentro da redação. O primeiro trabalho apresentado é o do repórter, aquele que muitas vezes é o contato primário entre a fonte de informação e o veículo. Aquele que, apesar de ter sua função almejada é, na verdade, o profissional que “precisa aprender a ouvir, a não desistir diante dos obstáculos.” (CAVERSAN, 2009, p. 43).

Hoje, com a convergência das tecnologias e as muitas mídias inseridas no trabalho jornalístico – fazendo com que o profissional se torne multitarefa – os repórteres precisam se adequar às novas maneiras de se fazer jornalismo. Caversan (2009) apresenta as “competências universais” para o trabalho de reportagem como ser organizado, ter boa agenda de contatos, estar informado e ler. (CAVERSAN, 2009, p. 47).

3.4 O JORNALISTA NO CENÁRIO MULTIMÍDIA

Sendo o objetivo deste trabalho analisar as transformações na rotina da produção jornalística e a adaptação do jornalista às novas plataformas digitais, apresenta-se, então, este profissional inserido no cenário multimídia. Pode-se dizer que os novos modelos – introduzidos através das tecnologias e das novas maneiras de executar o trabalho jornalístico – alteraram, significativamente, características e configurações no trabalho do jornalista.

Estudar e compreender o contexto tradicional e o digital em que o jornalismo está – e esteve – inserido fez-se necessário, pois, a partir disso, foi possível comparar e entender o processo da história jornalística, desde as produções, estruturas de redações, até o novo modelo do jornalista em exercer diversas funções

em seu trabalho. O vdeodocumentário sobre essa transformação na Gazeta do Povo dá forma e sentido a essa ideia.

Se antes do aparecimento das tecnologias, o profissional de impresso dispunha de uma máquina de escrever, hoje, nesta Era digital, ele tem acesso, na palma da mão, a uma infinidade de recursos. E quando diz “na palma da mão” considera-se, aqui, os aparelhos celulares, tablets e notebooks.

Maria Elisabete Antonioli e Enio Moraes Júnior (2016) afirmam que o trabalho do jornalista passou por diversas e profundas mudanças no século XXI. Antes, o jornalista estava e precisava estar preparado para desempenhar seu trabalho nas áreas existentes, mas com especialização em uma delas apenas. Diferente dos tempos anteriores, hoje este profissional precisa compreender e estar apto a praticar diversas funções em áreas diferentes de cada mídia e, principalmente, no ambiente digital. Os autores completam:

Se o jornalista, embora preparado academicamente para atuar em qualquer mídia, normalmente procurava se especializar naquela em que estava comprometido profissionalmente, hoje precisa desenvolver competências e se dedicar a todas as linguagens midiáticas, além de conhecimentos suficientes no ambiente digital, pois ele, muitas vezes, após o processo jornalístico de investigação e produção, deverá editar, publicar e distribuir. (ANTONIOLI; MORAES JÚNIOR, 2016, p. 49)

Essas novas formas de produção nasceram com o aparecimento da Internet, uma vez que esta possibilitou inúmeras possibilidades de produção e publicação do material jornalístico. Antonioli e Moraes Júnior (2016) entendem esta fase como uma revolução das mídias tradicionais, fazendo com o que os modelos fossem alterados e o trabalho do jornalista sofresse mudanças de comportamento, aprendizado e disposição.

Trata-se de uma revolução que atravessou as mídias tradicionais, forçando-as a alterar seus modelos clássicos e mergulharem simultaneamente no ambiente digital, bem como propiciando a criação de veículos unicamente digitais e das mídias sociais que também voltaram suas atenções ao jornalismo. Como um dos resultados, hoje temos o jornalismo em tempo real. (ANTONIOLI; MORAES JÚNIOR, 2016, p. 49)

Jorge e Pereira (2009) afirmam que “o jornalismo multimidiático está no centro de muitas preocupações de empresas, dos próprios jornalistas e das escolas de comunicação.” (JORGE; PEREIRA, 2009, p. 57). Ou seja, os jornalistas que

participaram deste processo e os responsáveis pela formação destes profissionais estão, sem exceção, atentos às mudanças inevitáveis.

Com isso, o jornalista multimídia – este, adaptado aos novos modelos – assume uma função e um papel fundamental para a prática do jornalismo. Para tanto, ele precisa reconhecer seu lugar neste processo para, em seguida, operar os mecanismos disponíveis. O bom jornalista precisa ser capaz de escrever o texto, redigir um título, apurar uma matéria e, de maneira objetiva, fazer uso das ferramentas disponíveis, conforme Antonioli e Moraes Júnior (2016) afirmam:

Por força das tecnologias digitais, as rotinas de produção se alteraram e hoje ele desempenha multifunções nas redações. É preciso investigar, checar, escrever, editar, publicar, atualizar e estar sintonizado com os acontecimentos 24 horas por dia. (ANTONIOLI; MORAES JÚNIOR, 2016, p. 51)

Se os jornalistas fossem divididos em dois grupos, multimídia e não-multimídia, seria possível afirmar que os já formados nos antigos moldes – quando ainda não existia essa realidade digital – precisam passar pelos processos de adaptação. Isto não significa dizer que os novos jornalistas estejam imunes.

Mas acontece, naturalmente, que estes, em relação àqueles, são beneficiados por nascerem mergulhados nesta “Era Digital”. Enquanto o primeiro grupo sofre um processo de adequação – e neste processo muitos não se adaptaram, o segundo grupo absorve um processo de descobrimento.

Jan Alyne Barbosa e Silva, Maria de Lourdes Pereira e Rodolfo Silva Ribeiro (2013) entendem que o processo de transformação do trabalho do jornalista foi semelhante às mudanças na tecnologia. Com o uso das ferramentas nos ambientes digitais, o profissional precisa, além de tudo, compreender a importância que as novas ferramentas tecnológicas atribuem ao cotidiano da produção do trabalho jornalístico.

Com isso, os mesmos autores explicam que “jornalistas de diferentes meios estão incorporando aos poucos novas atribuições e habilidades com dispositivos e plataformas digitais”. (BARBOSA e SILVA; PEREIRA; RIBEIRO, 2013, p. 63). Dessa maneira, os autores concordam que há a necessidade de o jornalista se adequar aos novos modelos de redação dos jornais e ao desempenho de mais de uma função:

Junto com mudanças na tecnologia, que integram os processos e as rotinas jornalísticas e a reestruturação das redações, o jornalista enfrenta transformações quanto ao seu perfil funcional. Uma das maiores expressões desse fenômeno é a imposição da incorporação de funções anteriormente desempenhadas por diferentes profissionais de jornalismo, exigindo dele múltiplas habilidades para acompanhar os processos produtivos das redações. (BARBOSA e SILVA; PEREIRA; RIBEIRO, 2013, p. 51)

O que também alterou a maneira de fazer jornalismo é a relação do jornalista com o público, que hoje é extremamente próxima. Antes, para entrar em contato com o profissional, ou vice-versa, o público precisava enviar cartas ou fazer ligações telefônicas quando, por exemplo, a programação era transmitida no rádio. Hoje, o público, por meio da web, pode opinar, interagir e participar.

Antonioli e Moraes Júnior (2016) afirmam que “muitas vezes o cidadão propõem pautas ou atua como replicador da informação, outras vezes dialoga com o jornalista.” (ANTONIOLI; MORAES JÚNIOR, 2016, p. 49). Dessa maneira, vê-se o público participando da produção jornalística.

Ed Porto Bezerra, Marcos Nicolau e Rennam Virginio (2011) concordam com o pensamento de Antonioli e Moraes Júnior (2016) quando reconhecem as mudanças na relação entre jornalista e o público. Os primeiros autores compreendem que as mídias sociais e os portais possibilitaram que o público pudesse interagir, comentar, demonstrar expressões sobre determinado tema publicado e, além disso, exercer a função de, também, produtor de informação. Dessa maneira, Bezerra, Nicolau e Virgínio (2011) afirmam:

Além destas novas funções presentes no webjornalismo, podemos identificar também uma participação cada vez mais efetiva do público consumidor de informação. Com o auxílio das mídias sociais, estes consumidores passam a ser importantes colaboradores para a produção da notícia, utilizando espaços cedidos nos portais, produzindo e enviando material jornalístico. (BEZERRA; NICOLAU; VIRGINIO, 2011, p. 9)

A Gazeta do Povo, por exemplo, procede dessa maneira no portal *gazetadopovo.com.br*, onde acontece a publicação de matérias – texto, fotos, vídeos –, com a possibilidade de participação do leitor no espaço reservado para comentários e o compartilhamento direto da notícia nas redes sociais próprias.

Os autores Bezerra, Nicolau e Virginio (2011), entendem o surgimento de um termo que caracteriza o jornalista inserido nas mudanças tecnológicas das plataformas digitais, “o jornalista passa a ser um produtor de conteúdos multimídia

de caráter jornalístico – o webjornalista. (BEZERRA; NICOLAU; VIRGINIO, 2011, p. 3).

Essas novas práticas inseridas ao jornalismo e ao trabalho do jornalista mudaram as práticas do chamado jornalismo tradicional, inserindo inúmeras possibilidades de busca e produção do conteúdo. As tecnologias trouxeram novas ferramentas para edição e produção do jornalista, considerando a importância de adaptação do profissional ao novo meio digital.

As novas tecnologias digitais, disponibilizadas pela web, mudaram as formas de produzir notícia e transformaram algumas características já consolidadas do jornalismo tradicional, gerando assim uma nova prática: o webjornalismo. (BEZERRA; NICOLAU; VIRGINIO, 2011, p. 11)

O surgimento das múltiplas plataformas de produção do conteúdo jornalístico, inaugurado com o uso da Internet, contribuiu para que acontecessem as mudanças na rotina dos veículos de comunicação e, principalmente, do jornalista. Sendo esse, o utilizador das novas ferramentas disponibilizados neste modelo reconfigurado do século XXI.

4 HISTÓRIA DA GAZETA DO POVO

Como já mencionado, o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” tem como foco as transformações que ocorreram no trabalho jornalístico deste profissional dentro da redação do veículo. Para compreender melhor tal mudança, entende-se a necessidade de trazer, neste trabalho, uma breve história da Gazeta do Povo.

Usando uma narrativa linear, será mostrado, de modo resumido, os eventos mais importantes do jornal nas décadas que se seguiram, desde a sua criação, em 1919, até aos dias atuais. E, para corroborar a intenção dos autores, a ênfase, na parte final deste capítulo, tratará das mudanças na rotina do jornalista dentro da Gazeta do Povo pelos depoimentos dos entrevistados.

4.1 INÍCIO – DÉCADAS DE 1920 E 1930

A Gazeta do Povo é o jornal mais antigo do Paraná. O veículo nasceu pela idealização dos advogados Benjamin Lins e Oscar Joseph De Plácido e Silva. A sua primeira edição foi no dia 3 de fevereiro de 1919. Segundo José Carlos Fernandes e Marcio Renato dos Santos (2010), o intuito do jornal, desde o início, era atender as necessidades da população paranaense, atribuindo espaço para novas perspectivas e materializar ideias para a formatação tanto do jornal quanto da sociedade paranaense. Dessa maneira, “a Gazeta do Povo teria surgido a partir de uma série de discussões realizadas no escritório do advogado Benjamin Lins, situado na rua Dr. Muricy.” (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 17).

A Gazeta do Povo teve sua primeira edição publicada com seis páginas e quase 50% do espaço do jornal era ocupado por publicidades. Benjamin Lins e Plácido e Silva foram responsáveis pelo jornal durante oito anos, até que, em 1927, Lins sofreu uma perda familiar, além do acúmulo de processos judiciais que seguiam sua carreira. Desse modo, decidiu afastar-se da administração do, então, diário.

Juntos, Benjamin Lins e De Plácido e Silva estariam à frente do jornal até 1927. Naquele ano, Lins perderia sua segunda filha, Flora, então com apenas 13 anos – incidente determinante para o seu desligamento do diário, além do fato de ele estar envolvido com mais de 70 causas jurídicas. (FERNANDES; SANTOS, 2007, p. 20)

4.2 DÉCADAS DE 1940 E 1950

Neste momento, a Gazeta do Povo já era o jornal mais importante do Paraná. Pode-se dizer que o periódico cresceu junto com a cidade de Curitiba que viu sua população aumentar de 40 mil para 140 mil habitantes. Mesmo em meio às dificuldades dos primeiros anos, o veículo tomou forma e corpo.

Em menos de duas décadas de atividade, a Gazeta do Povo consolida-se como mais importante e mais lido jornal do Paraná. Nem mesmo crises, nem a tensão da Segunda Guerra, tampouco a pressão do Estado Novo abalaram o jornal. (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 33)

A Gazeta do Povo migrou de endereço três vezes até se estabelecer definitivamente na Praça Carlos Gomes, no dia 27 de janeiro de 1951. É do ano de 1951, também, a implementação de uma grande novidade: o editorial.

Até então, não havia um espaço exclusivo destinado a veicular, claramente, as opiniões do jornal, que estavam pulverizadas em praticamente 100% do que se publicava nas páginas diárias que formavam a Gazeta. A partir do advento do editorial, na parte superior esquerda da página 3, o ponto de vista do veículo, sobretudo no que diz respeito a questões políticas, ficou evidente, bem direto, sem rodeios ou disfarces quaisquer. (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 55-56)

Com isso, a Gazeta do Povo passou a ter um espaço para emitir opinião dos seus editores e o ponto de vista dos mesmos, referente às questões sociais, como economia, política e problemas da capital paranaense. De maneira clara e simples, era possível fazer a leitura, agora, de opiniões diversas dos editores e dos materiais publicados.

4.3 DÉCADAS DE 1960 E 1970

Em 1962 o jornal passou por uma severa crise financeira, devido às dívidas acumuladas e ao não pagamento dos salários dos funcionários. Além disso, o espaço destinado para a publicidade foi reduzido. Neste mesmo ano, a Gazeta do Povo era o único jornal do Estado Paraná.

Após essa crise, Francisco da Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski assumiram o controle do periódico. Demorou dez anos para que os proprietários alcançassem a estabilidade financeira do jornal. Em edições comemorativas do seu

aniversário, a Gazeta do Povo referenciava as fases de transição e de restituição econômica. Entre elas:

Em 1962, na metade do ano, ao assumir a Gazeta do Povo, Francisco da Cunha Pereira Filho reuniu o pessoal e expôs um plano de ação. Anunciou o fim dos 'vales' e o início da era 'salários' e 'quinzenas'. Clóvis do Nascimento conta que tudo funcionou porque 'nós acreditamos nele e ele – o nosso diretor – acreditou em nós. Passamos a formar quase uma família. (GAZETA DO POVO, 1992, p.7)

Ainda nos anos 1960, a Gazeta do Povo passava por transformações significativas. O processo de impressão apresentava-se mais moderno com a instalação de um novo equipamento e “continuava seu período de modernização com a inauguração de mais uma rotativa, considerada a primeira impressora offset de grande porte, instalada no Sul do Brasil.” (SANTOS, 2011, p. 10).

A partir disso, com as finanças equilibradas, foram feitos investimentos em vários setores. Entre eles, a instalação de uma nova rotativa – a primeira offset de grande porte do sul do país – que possibilitou a modernização do parque gráfico e da redação. Além disso, em 1973, a Gazeta do Povo recebeu a primeira instalação de computadores de fotocomposição permitindo que meses após esta conquista, a primeira página do jornal estampasse uma foto colorida.

Em 1973, a Gazeta do Povo compra equipamento para imprimir em cores. Avanço gráfico vai mexer com a estrutura do jornal: logo haverá foto cor na capa, uma expectativa nas edições, em especial as de domingo. Fotos mostravam uma Curitiba que vencia o complexo de inferioridade e passava a se orgulhar de sua paisagem e reformas urbanísticas. (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 94)

4.4 DÉCADAS DE 1980 E 1990 – PRIMÓRDIOS DA ERA DIGITAL

Da década de 1980 pode-se dizer que houve uma ruptura na Gazeta do Povo. Cunha Pereira decidiu que era necessário levantar algumas bandeiras – como a campanha contra o analfabetismo e o aumento do contingente eleitoral do Paraná – e não se tornar um jornal “sanguinolento”.

Fernandes (2010) lembra que, “as “causas gazetianas” ultrapassaram 30 temas, muitas correndo ao mesmo tempo, particularmente na década de 1980, uma das fases áureas do jornal.” (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 173). Em 1990 outra fase muito importante: as tecnologias digitais assumem papel essencial no processo de transformação do veículo.

Alexandre Correia dos Santos (2011) lembra do período.

A década de 1990 marca outro momento axial na história do jornal: o início da era digital. Em 1995, a Gazeta do Povo, assinou um contrato de fornecimento com a americana Apple, tornando-se o parque redacional gráfico mais moderno do Sul do país. (SANTOS, 2011, p. 10 e 11)

Em 1995, a Gazeta do Povo passou por uma grande reformulação. “Agosto de 1995 assinalou o início de um longo processo que tem como elemento fundamental a reforma produzida pelo periódico e conduzida por profissionais espanhóis e que ficaria conhecida como a Reforma de Navarra.” (SANTOS, 2011, p. 11).

A partir disso, foi inaugurado o uso e a integração da redação do jornal com a Internet. Aos poucos, as ferramentas usadas anteriormente na produção e no trabalho do jornalista, foram sendo reinventadas. Com as novas plataformas disponíveis e as maneiras de trabalhar, o caminho que se seguiu foi o da especialização, a partir das propostas sugeridas por equipamentos modernos da empresa.

É desse período a integração de sua redação com a internet (...) Limitados pelo pouco conhecimento da época, as ferramentas e softwares foram gradativamente sendo substituídos por recursos mais modernos e os funcionários foram se especializando conforme a nova demanda da empresa. (SANTOS, 2011, p. 11)

A substituição de equipamentos, fez com que os jornalistas precisassem se adaptar às ferramentas e maneiras com que a rotina de trabalho se desenvolvia no dia-a-dia. O que antes era utilizado pelos profissionais, passou a ser substituído pelos novos moldes de produção, levando em conta que, neste período, já havia a conexão entre a redação do jornal da Gazeta do Povo e a Internet.

4.5 DOS ANOS 2000 ATÉ OS DIAS ATUAIS

Fernandes e Santos (2010) lembram os anos 2000 como o tempo em que “os problemas regionais voltam a ser o grande mote dos jornais.” Isso quer dizer que a Gazeta do Povo atribuía ênfase aos problemas sociais que descontentavam a sociedade. (FERNANDES; SANTOS, 2010, p. 212).

Aconteceram também mudanças drásticas, advindas das novas plataformas de produção e publicação de conteúdo. Oliveira Filha (2011) afirma que “embora continue como maior diário do Paraná, a Gazeta do Povo reduziu sua circulação.” (OLIVEIRA FILHA, 2011, p. 11). A matéria publicada no dia 3 de fevereiro de 2000, em comemoração aos 81 anos da Gazeta do Povo, apontou a redução da circulação do periódico. Em 2000, a média de exemplares em circulação era de 140 mil aos domingos e 80 mil nos dias de semana.

Quatro anos após isso, em julho de 2004, já era notável a diferença deste cenário da impressão dos exemplares, com 90 mil jornais em circulação aos domingos e 110 mil no total em dias de semana, com a divisão entre segundas-feiras (40 mil) e quartas-feiras (70 mil). Além disso, o número de páginas também sofreu alterações, conforme Oliveira Filha (2011) afirma:

Nos dois principais cadernos (que abrigam as editorias Paraná, Brasil, mundo, política e economia) caiu de 28 a 32 para 20 a 24, e houve reduções também nas editorias de esporte, cultura, bem como nos classificados e nos suplementos especiais. (OLIVEIRA FILHA, 2011 p. 11)

Fernandes e Santos (2010) relatam que, em 2010, a Gazeta do Povo iniciou a produção de material próprio voltado para as plataformas digitais, “a equipe da Gazeta do Povo on-line começa a produzir conteúdo próprio de Internet.” (SANTOS, 2011, p. 11). Com isso, inicia-se o processo de mudança e o veículo passa a pensar mais no conteúdo online. Aconteceram, então, as alterações na maneira de produzir, a composição das matérias e o olhar voltado para o online, fazendo com que o jornal impresso tivesse queda de circulação. Atualmente, a produção do periódico trabalha para abastecer o online.

Segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), de outubro de 2016, a Gazeta do Povo somava uma tiragem de impressões de 28.879 mil exemplares de segunda a sexta-feira e, aos finais de semana, o número é, em média, 47.144 mil. Já a audiência online era de 7 milhões de visitas por mês e 33 milhões de visualizações mensais, segundo a ComScore,⁴ empresa global que mensura dados de internet. Esses valores foram calculados de janeiro até outubro de 2016 e não representam número de leitores e sim de acessos, ou seja, uma

⁴ <https://www.comscore.com/por/Produtos/Analise-de-Audiencia>
<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/gazeta-do-povo-bate-records-de-audiencia-7ujw360q6n7cgjggzazvpkvbo>

única pessoa pode realizar várias entradas nas plataformas online do jornal durante o mês.

O crescimento das plataformas online, utilizadas pela Gazeta do Povo, são evidenciadas por José Carlos Fernandes (2016), quando explica que a informação está inserida nestes modelos “é um caminho sem volta”. Do mesmo modo, Ewandro Schenkel (2016) relata que a notícia, hoje, possui um novo formato de produção e publicação. Com isso, os jornalistas precisaram se adaptar aos novos formatos. Para ele, “a notícia tinha outra velocidade, nós tínhamos que pensar de outra forma, o modelo de escrita era diferente, os comportamentos eram diferentes”. Atualmente, esse padrão tem a dinâmica requerida pela velocidade da informação.

Entendendo a relevância que as plataformas digitais trouxeram para a Gazeta do Povo, exemplifica-se o ambiente e o espaço dado para a equipe de produção online. Schenkel (2016) e Rogério Galindo (2016) explicam que a equipe de Internet, no início, era de apenas cinco ou seis pessoas e hoje essa mesma equipe, a de pesquisa e desenvolvimento, é composta por 40 pessoas.

Caroline Olinda (2016) explica que as versões online da Gazeta do Povo precisaram se adaptar as exigências dos leitores e visitantes das páginas na medida em que o público passou a querer a informação em tempo real. O material, que antes era produzido em um dia e publicado no outro, conseguiria ter uma atualização apenas no terceiro dia. Hoje, com as novas tecnologias, há a necessidade de produção de conteúdo que integre a matéria principal e atualize os fatos, com mídias diversas, como texto, fotos e vídeo.

Entendendo essa nova demanda, Olinda (2016) relata como o veículo precisa agir diante das plataformas digitais e como a Gazeta do Povo age nos meios de produção online. Segundo a jornalista, é preciso “ter material para alimentar esse jornal, que vai se fazendo e refazendo ao longo do dia, sendo atualizado, pelo menos, três ou quatro vezes”.

5 VIDEODOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO

5.1 O QUE É UM VIDEODOCUMENTÁRIO

Para Fernão Pessoa Ramos (2008), o documentário é uma narrativa com imagens-câmera, acompanhadas, dentre outras coisas, da fala. Para ele, a ideia da imagem faz com que nós – os espectadores – recebamos de quem fala uma proposição verdadeira do fato narrado. O autor completa explicando:

Em outras palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo.” (RAMOS, 2008, p. 22)

Ainda, segundo Ramos (2008), “o documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador).” (RAMOS, 2008, p. 25). Sendo assim, o processo nasce de uma necessidade de se apresentar um ponto de vista. E, o produto final, que é o videodocumentário em si, será apresentado a um espectador. O autor explica que, entre os elementos que compõe um documentário, estão o uso de imagens de arquivo, entrevistas ou depoimentos, locução e, muitas vezes, utilização de roteiros abertos, como foi o caso do documentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”.

Para Bill Nichols (2005), todo filme é um documentário. Ele, no entanto, sugere que os filmes dividem-se em duas categorias: “Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filmes: (1) documentário de satisfação de desejos e (2) documentário de representação social.” (NICHOLS, 2005, p. 26). Neste caso, o documentário produzido a partir dessa pesquisa, é o de representação social, pois apresenta uma realidade existente, implicando em modificações no cotidiano de uma parcela da sociedade.

Nichols (2005) afirma que os documentários de representação social são aqueles não ficcionais e que exibem uma realidade da sociedade, considerando a existência dos fatos. O autor explica:

Os documentários de representação social são o que não chamamos de ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta.” (NICHOLS, 2005, p. 26)

Desse modo, o autor indica que o videodocumentário é, na verdade, uma representação do mundo ou, no mínimo, de um evento no mundo que se quer mostrar. O videodocumentário, de certa forma, materializa um evento e o coloca à disposição daqueles para quem foi criado. E esta materialização do evento é feita de acordo com a intenção do cineasta.

Nichols (2005) conclui seu pensamento quando aponta que a responsabilidade está nas mãos de quem produz o videodocumentário:

Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. (NICHOLS, 2005, p. 27).

O que Nichols (2005) explica é que aquele que produz o documentário precisa ter a ponderação em relatar e apresentar ao público os fatos verdadeiros, já que este modelo é justamente o de representação social. Entende-se que, por seguir este isto, a produção precisa ser pautada na realidade dos fatos, representando acontecimentos existentes.

5.2 PRODUÇÃO DE UM VIDEODOCUMENTÁRIO

Ramos (2008) defende que há uma estrutura na produção do videodocumentário. Essa estrutura tem cinco pontos essenciais. São eles: a tomada, o sujeito-da-câmera, a fôrma-câmera, a montagem de narrativa e o espectador.

Em primeiro lugar, a tomada “da imagem documentária define-se pela presença de um sujeito sustentando uma câmera/gravador na circunstância de mundo, em que formas e volumes deixam seu traço em um suporte (...)” (RAMOS, 2008, p. 82). Com isso, sugere que a tomada é, na verdade, uma decisão de quem dirige. No caso deste trabalho, isso tem relação com a maneira com que se pretendeu desenvolver o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”, considerando aspectos como as angulações, a produção cinematográfica e o roteiro de entrevistas.

Em segundo lugar, na estrutura da produção do videodocumentário, aparece o sujeito-da-câmera que “sustenta a câmera na tomada, e sua constituição deve ser pensada de modo amplo.” (RAMOS, 2008, p. 83). Seja esse sujeito o diretor ou alguém atuando sob supervisão de um, ele será responsável por conduzir todo o

manuseio do equipamento, o que ocorreu na produção deste produto. Esta participação foi, portanto, essencial em todo o processo de captação de imagens, seja nas entrevistas ou nas demais imagens que foram usadas no videodocumentário.

Ramos (2008) declara, ainda, que o sujeito-câmera representa a equipe de produção do produto, uma vez que este serve de sustentação para que as imagens possam ser filmadas da maneira que se desejou. Dessa maneira, o autor afirma:

O sujeito-da-câmera cobre com uma manta de presença a ação na tomada. O sujeito-da-câmera é o conjunto da equipe que está atrás da câmera no momento da tomada, quando o mundo e o seu som vêm deixar sua marca no suporte da câmera, sensível à materialidade do mundo e seu som. (RAMOS, 2008, p. 83 e 84).

Em terceiro lugar, fôrma-câmera é o formato da imagem e pode variar de acordo com a disposição das formas e perspectivas, sendo que a aparência coincide, na maioria das vezes, com a imagem reflexa. Ramos (2008) explica:

Na aparência reflexa da imagem-câmera, elementos como profundidade de campo, angulação, iluminação podem variar, mas o substrato básico da imagem perspectiva, com aparência reflexa, mantém-se inalterado. (RAMOS, 2008, p. 84)

Sendo assim, nesta etapa do processo de produção, também aparece a intenção de quem cria o videodocumentário. Optou-se usar o plano close e plano americano, que são convencionais neste tipo de trabalho e foram comentados na metodologia. Também destaca-se que os entrevistados estavam nos locais de trabalho ou em ambientes que têm relação com o tema da entrevista.

Em quarto lugar aparece a montagem de narrativa. Ramos (2008) explica que nesta fase da produção há a relação entre o modelo no qual se deseja seguir segundo a escolha e preferência e o conteúdo que se pretende apresentar contendo as informações teóricas e práticas da elaboração. Dessa maneira, Ramos (2008) completa afirmando que:

Na articulação dos planos existe uma mão oculta que fascina a reflexão desconstrutiva contemporânea e que pode também produzir enunciados ou sentido, interagindo ativamente com o modo do sujeito-da-câmera ser na tomada. (RAMOS, 2008, p. 86).

Desse modo, o formato do videodocumentário obedeceu à intenção de quem o produziu. O posicionamento da câmera, dos entrevistados e do próprio ambiente

das entrevistas foram escolhidos de maneira proposital para se alcançar o final pretendido. Como Ramos (2008) explica: “a continuidade espaço-temporal que vemos no documentário obedece, portanto, a procedimentos de montagem que têm sua âncora na unidade plano fundada pela tomada.” (RAMOS, 2008, p. 86).

Por fim, aparece o espectador. Segundo Ramos (2008), “o espectador vive no mundo, mas quando olha a figura da imagem, ele vive o que o sujeito-da-câmera viveu.” (RAMOS, 2008, p. 89). Aqui, o autor transmite a ideia de que, ao produzir um videodocumentário, intenciona-se que o espectador – aquele para quem o documentário é produzido – participe, ainda que a distância, da mesma vivência que o sujeito-da-câmera. É, de certa maneira, a imersão do espectador na história que está sendo contada.

Obviamente, que não se pode presumir que o espectador é passivo e ingênuo na conclusão que faz sobre o produto apresentado ao final. Contudo, para Ramos (2008), “O espectador sabe, portanto, de antemão, que olha e ouve uma narrativa documentária e percebe seus enunciados como asserções sobre o mundo, lidando dessa forma com elas.” (RAMOS, 2008, p. 90). Ou seja, por não se tratar de uma obra ficcional, o videodocumentário causa, em quem o assiste, uma legitimação de verdade. A relação que o espectador terá com as ideias e os discursos terão esse impacto assertivo.

Contribuindo para o conhecimento do processo de produção, Cleide Luciane Antoniutti, Mara Fontoura e Marcia Nogueira Alves (2012), quando conversam sobre o processo criativo do produto, com relação à área de conhecimento, estabelecem sete estágios nos quais a produção precisa percorrer até chegar no resultado final. Esses estágios são divididos em: apreensão, preparação, incubação, aquecimento, iluminação, elaboração e verificação (ALVES; ANTONIUTTI; FONTOURA, 2012, p. 172 e 173).

A apreensão é o que dá início a todo o processo. Ela tem ligação com uma sensação de “incômodo” causada pela necessidade de uma resolução. Segundo as autoras, “nesse momento o indivíduo sente-se “incomodado” pela sensação ou percepção de que existe um problema a ser resolvido.” (ALVES; ANTONIUTTI; FONTOURA, 2012, p. 172). Nesta etapa citada pelas autoras, a apreensão se dá por parte do produtor do trabalho proposto, que surge a partir da inquietação a respeito de determinado tema e deseja buscar respostas para os questionamentos surgidos.

A preparação, seguindo a primeira, traz consigo um caráter investigativo. A sugestão das autoras é que se leia, discuta, indague, ouça e pense sobre o assunto tratado. Neste ponto, defendem também que “É importante termos em mente que descobrir o que já existe sobre o assunto de interesse é fundamental para preservar a originalidade do produto que será concebido.” (ALVES; ANTONIUTTI; FONTOURA, 2012, p. 172). Para isso, foram elaboradas as etapas anteriores de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, considerando que a primeira constitui a base teórica para a construção do estudo primário do tema escolhido, enquanto a segunda dispõe de uma série de materiais pesquisados para uso e referência.

Em terceiro lugar, a incubação diz respeito ao processo criativo que acontece na mente de quem está prestes a produzir o documentário. Os caminhos para trazer resoluções aos problemas são descobertos nesta etapa. Por meio das informações adquiridas em etapas anteriores, a mente trabalhará munida de criatividade.

Após isso, no aquecimento, surgem várias ideias. Algumas serão escolhidas, enquanto outras ignoradas ou alteradas. Segue-se a iluminação quando, quase por intuição, as ideias escolhidas são declaradas como as melhores. Depois, a elaboração que culmina no roteiro em si, para que o produto comece a ganhar forma: no caso, o documentário.

E, por fim, a verificação que é a conferência do resultado alcançado. Uma recomendação importante defendida pelas autoras é que o produto audiovisual seja apresentado a várias pessoas para, mediante aprovação, seja, então, produzido. Alves, Antoniutti e Fontoura (2012) concluem que “neste momento, podemos sentir a receptividade da ideia e, então, ter certeza de que ela causará o impacto desejado ou identificar a necessidade de recomeçar o processo criativo, pelo menos da fase do aquecimento em diante.” (ALVES; ANTONIUTTI; FONTOURA, 2012, p. 173).

5.3 DIRETRIZES DO VIDEODOCUMENTÁRIO

Nichols (2005) afirma que o documentário faz parte do mundo da representação e explica isso a partir de três maneiras. A primeira, que conta com a capacidade de registro – em imagem, áudio ou fotografia –, produz uma representação percebida pelo mundo, de acontecimentos, pessoas, lugares ou situações. A segunda, com relação a primeira, significa que o documentário também representa os interesses dos outros, “eles falam em favor do interesse de outros,

tanto dos sujeitos temas de seus filmes quanto da instituição ou agência que patrocina sua agência sua atividade cinematográfica.” (NICHOLS, 2005, p. 28).

Na terceira, o autor compara a representação de um documentário com a relação entre um advogado e os interesses do seu cliente. Ele defende uma determinada interpretação sobre o assunto em questão a partir de um dado ponto de vista, “os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões.” (NICHOLS, 2005, p. 30).

E, a partir desse ponto de vista apresentado por Nichols (2005), faz-se possível considerar que a imagem do documentário é o espelho da própria realidade, além de permitir o olhar voltado diretamente para a ideia expressa. A história, os personagens e acontecimentos expostos em um documentário, organizam e reproduzem o tema com o qual se deseja produzir. O autor continua:

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade reapresentada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade.” (NICHOLS, 2005, p. 28)

Considerando os processos que integram a formulação e a produção de um documentário, Nichols (2005) entende que “os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos.” (NICHOLS, 2005, p. 48). Ou seja, ainda que os documentários sigam regras pré-estabelecidas numa espécie de convenção imaginária, ele tem como característica a liberdade que cerceia todas as etapas do processo de produção.

Nichols (2005) declara que “nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam.” (NICHOLS, 2005, p. 48). Desse modo, é preciso cuidar para que o caminho a ser trilhado seja o do equilíbrio. Segue-se as regras, contudo, não se perde a originalidade e nem as impressões mais importantes que se intencionam transmitir.

O autor apresenta seis tipos de documentários existentes: o poético, o expositivo, o participativo, o observativo, o reflexivo e o performático, sendo que “as

características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme.” (NICHOLS, 2005, p. 136).

Dados os modelos existentes de produção, o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje”, agrega as características do documentário expositivo. Para Nichols (2005), “esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética.” (NICHOLS, 2005, p. 142). Ou seja, esse tipo de documentário depende das informações transmitidas verbalmente.

Nichols (2005) acrescenta que “o modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõe uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história.” (NICHOLS, 2005, p. 142). Há, portanto, neste modelo, o direcionamento com o espectador, por parte do produtor e daquele que participa e constitui o conteúdo que se deseja expor, diante da temática apresentada e representada pela história e pelos depoimentos.

Para terminar, Nichols (2005) entende que é necessário existir o conteúdo geral sobre dado tema para que, após isso, seja determinado o assunto específico que se pretende abordar. O autor conclui afirmando que a junção dessas duas características atribui força para a construção do filme documentário:

Dito de outra forma, os documentários normalmente contém uma tensão entre o específico e o geral, entre momentos únicos da história e generalizações. Sem a generalização, os documentários em potencial seriam pouco mais do que registros de acontecimentos e experiências específicas. E se não fossem nada além de generalizações, seriam pouco mais do que tratados abstratos. (NICHOLS, 2005, p. 98 e 99).

Com isso, o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” evidencia as particularidades do modelo expositivo, tendo em vista o que Nichols (2005) apresenta sobre o específico e o geral. Existe, no contexto da elaboração e produção do conteúdo documental e do modelo expositivo, a preocupação com a didática e com questões da história de uma sociedade ou do mundo, acompanhado de imagens e voz que ilustram e apresentam o contexto de maneira organizada e atribuindo significado.

6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” é um videodocumentário com duração de 28 minutos, contém entrevistas de seis jornalistas que participaram do processo de transformação na rotina de produção jornalística com o advento da Internet e das tecnologias digitais.

As entrevistas são baseadas no relato desses jornalistas que narram, a partir de uma percepção pessoal, como foi a transição do jornalismo, conhecido como tradicional, para o jornalismo multimídia. Na edição do videodocumentário, pretendeu-se seguir uma ordem cronológica de apresentação dos depoimentos dentro de quatro subtítulos propostos. São eles: 1. Como era feito o jornalismo tradicional e como era o ambiente da redação; 2. A transição do modo analógico para o digital; 3. A internet; e 4. Qual será o futuro do jornalismo.

Os seis entrevistados fizeram a composição da narrativa do videodocumentário na medida em que contavam suas histórias e vivências sobre o trabalho jornalístico dentro da redação. Entre as fontes, quatro são funcionários do jornal. São eles: Ewandro Schenkel, Rogério Galindo, Caroline Olinda e José Carlos Fernandes. Esses foram indicados por critérios internos pela assessoria de comunicação da empresa jornalística, de acordo com a disponibilidade dos profissionais e da equipe de gravação do documentário. Os outros dois entrevistados são ex-funcionários da Gazeta do Povo: Mauri König e Antonio Carlos Silva e foram selecionados por terem convivido com o período de transição e a implantação de novos formatos que as novas tecnologias dispõem.

Em depoimento para o videodocumentário, o jornalista Antonio Carlos Silva, que trabalhou no veículo de 1990 até 2000, fundamenta o primeiro tema apresentado intitulado “Como era feito o jornalismo tradicional e como era o ambiente da redação”, expondo suas experiências com a máquina de escrever, as laudas datilografadas e o convívio no ambiente da redação, sendo que ele não participou do processo de informatização do veículo.

Ainda neste tema, Mauri König, que trabalhou na Gazeta do Povo de 2003 a 2015, traz para o documentário uma opinião otimista em relação ao uso do computador, entendendo que foi preciso que acontecesse a adaptação às novas plataformas digitais, mesmo com as dificuldades relatada. Mas, também, pondera quanto às “facilidades” que a Internet dispõe ao profissional. Neste ponto, há a

crítica sobre as novas maneiras de comportamento dos jornalistas na produção do conteúdo – ainda sem a interação que havia no modelo tradicional – mas um trabalho individual, silencioso.

Argumentando sobre o ambiente tradicional, José Carlos Fernandes, que trabalha no veículo desde 1989, cronista do caderno Vida e Cidadania da Gazeta do Povo, demonstra sua afinidade com esse modelo de trabalho mais antigo. No vídeo, ele lembra o uso das máquinas de escrever, as conversas, o barulho da redação e o momento em que os jornalistas precisaram iniciar um novo modelo de trabalho com o computador. Segundo ele, alguns levavam as máquinas de escrever e demoraram a se adaptar, mas as transformações foram necessárias para que o profissional acompanhasse o mercado e os novos formatos.

Juntamente com Mauri König e José Carlos Fernandes, o atual editor do caderno de Vida Pública da Gazeta do Povo, Rogério Waldrigues Galindo, apresenta no documentário o tema “A transição do modo analógico para o digital”. Rogério, que trabalha na Gazeta do Povo desde fevereiro de 2000, relata que sua intenção como jornalista era trabalhar com uma máquina de escrever produzindo texto. Ele explica as dificuldades para se ajustar aos novos modelos que o veículo de comunicação precisou se adaptar, sendo que os jornalistas precisaram acompanhar esse processo.

Há, de fato, certa resistência citada pela maioria dos jornalistas do modelo tradicional. Estes consideram que a reconfiguração alterou drasticamente a maneira de produzir material jornalístico, de comportamento e o modo de comunicar, tanto na própria redação do veículo quanto na sociedade. O que não é descartado entre os depoimentos é que a Internet é um fenômeno que exige do jornalista a adaptação. Afinal, esse é o novo padrão de produção e desempenho da profissão.

Dessa maneira, a sequência do videodocumentário traz o conteúdo sobre “A internet”. Quem representa este novo jornalista – inserido no contexto online – é o coordenador de redação no setor das plataformas digitais, Ewandro Schenkel de Oliveira, que trabalha na Gazeta do Povo desde janeiro de 2000. Como funcionário do veículo, já desempenhou funções como operador de computador, repórter e editor. A participação de Ewandro no documentário está mais enfatizada neste momento, apresentando as percepções sobre o presente e o futuro, já que ele fez parte da primeira equipe de produção online da Gazeta do Povo.

Ana Caroline Araujo Olinda Pippi concorda com Ewandro Schenkel sobre a relevância em se adaptar às novas plataformas de produção que a Internet proporciona. Ela trabalha no veículo desde abril de 2011, nas funções de repórter e, em 2016, como editora. Caroline enfatiza a relação da matéria com o leitor, no momento em que, hoje, é possível verificar quantas visualizações uma publicação alcançou, por exemplo. Há, nesse ponto, a necessidade do jornalista compreender essas mudanças e aderir aos novos formatos.

Por fim, o videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” apresenta o questionamento sobre “Qual será o futuro do jornalismo”, tendo, este tema, a participação de todos os entrevistados. Em suas percepções particulares, Antonio Carlos Silva, Mauri König, José Carlos Fernandes, Rogério Galindo, Ewandro Schenkel e Caroline Olinda, representam os jornalistas do modelo tradicional, do momento da transição, da chegada da internet e expõem o ponto de vista sobre o futuro do jornalismo e do jornalista inserido a reconfiguração digital.

6.1 DESCRITIVO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

Sobre a produção do videodocumentário, as entrevistas foram gravadas em locais especificados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. A primeira foi feita no acervo da Gazeta do Povo situado à Rua Conselheiro Laurindo, 783 – Centro. O jornalista José Carlos Fernandes concedeu a entrevista às 15h do dia 16 de setembro de 2016. No dia 17 de outubro, às 14h e às 15h, foram entrevistados os jornalistas Rogério Galindo e Ewandro Schenkel, respectivamente, na redação do veículo, localizada na Rua Pedro Ivo, 459 – Centro, Curitiba. A jornalista Caroline Olinda foi entrevistada às 17h do dia 28 de novembro de 2016, no mesmo endereço.

O professor e ex-funcionário da Gazeta do Povo Mauri König foi entrevistado às 14h do dia 25 de outubro no Centro Universitário Uninter, localizado na Rua Saldanha Marinho, 131 – Centro, Curitiba. E, para finalizar, foi entrevistado o jornalista Antônio Carlos Silva, às 10h do dia 28 de novembro de 2016, na Rua Saldanha Marinho, 3005 – Batel, Curitiba.

O videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” traz a participação de jornalistas que narram as transformações sofridas pelos profissionais no trabalho de produção na Gazeta do Povo. Processo este, que foi alterado no decorrer do tempo, substituindo equipamentos, alterando maneiras de se comunicar,

apresentando novas plataformas para informar e as mudanças do jornalista na rotina reconfigurada.

6.2 PRÉ-PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO

Para Cathrine Kellison (2007), o desenvolvimento de um projeto, numa fase anterior à produção em si, é dividida em três etapas. São elas: pensar, escrever e desenvolver. Segundo a autora, “independente do gênero do projeto que você deseja desenvolver, uma boa história é a base de tudo.” (KELLISON, 2007, p. 55).

Pensar fez parte do início deste videodocumentário. Isso porque fazer a ideia se tornar o produto final do que se pretendeu foi o grande desafio. E este foi um ponto determinante para esta produção. Como já justificado anteriormente, a ideia surgiu, dentre outros motivos, pelo fato de a Gazeta do Povo ser o maior jornal do Estado do Paraná. Além disso, o veículo passou por uma recente reforma gráfica e estrutural, que o levou a migrar, em grande parte, do impresso para o online em menos de dez anos. Desse modo, foi possível verificar as mudanças na rotina profissional do jornalista de uma maneira clara e objetiva.

O passo seguinte foi escrever, ajustar as ideias e organizar as entrevistas. Neste ponto, foi criado um roteiro contendo seis perguntas – que estão nos anexos deste trabalho. Determinou-se que as mesmas perguntas seriam feitas a todos os entrevistados para que cada um expressasse sua opinião e visão pessoais sobre o indagado. A partir disso, com horários agendados e confirmados, ocupou-se com as gravações e captações de imagens para a montagem do vídeo documentário.

Na escolha dos entrevistados, para não parecer um documentário da Gazeta do Povo, mas sobre como foi o processo de transformação da rotina do jornalista na Gazeta do Povo, optou-se não apenas por profissionais que ainda integram o quadro de funcionários, mas alguns que já não trabalham mais no veículo. Desse modo, participaram do videodocumentário quatro funcionários e dois que não trabalham mais no periódico.

6.3 PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO

Segundo Kellison (2007), existem elementos de pré-produção que são fundamentais para que se dê início à produção. A autora explica que “esses detalhes são a essência da produção, sendo que, na parte de pré-produção o

projeto ganha dimensão e textura.” (KELLISON, 2007, p.151). Neste caso, os elementos que antecederam a produção do documentário foram a elaboração do questionário, a definição dos entrevistados e o agendamento das entrevistas.

A partir do questionário, as entrevistas foram realizadas com os profissionais na intenção de obter de cada um as impressões pessoais do tema proposto neste videodocumentário. João Elias da Cruz Neto (2008) entende que “a entrevista é o meio pelo qual o repórter vai apurar informações que serão utilizadas na matéria.” (CRUZ NETO, 2008, p.43). O autor ainda classifica as entrevistas como: coletiva, ocasional, dialogal, ritual, em profundidade, temática e testemunhal.

Cruz Neto (2008) aponta modelos de entrevista que devem ser seguidos e, para este videodocumentário optou-se pelo dialogal e em profundidade. A entrevista dialogal compreende a figura do entrevistado e hábitos da vida do mesmo, enquanto a em profundidade permite que o entrevistador apresente, conforme Barros e Duarte (2009) “técnica qualitativa que explora um assunto a partir de informações, percepções e experiências de informantes” (BARROS e DUARTE, 2009, p. 62) Desse modo, foi possível trazer para este videodocumentário, a maneira que cada entrevistado percebeu a mudança na rotina do jornalista no ambiente da redação da Gazeta do Povo.

As entrevistas propostas para a construção do videodocumentário permitiram diferentes pontos de vista sobre o assunto. É necessário destacar que esta pesquisa não teve a finalidade de quantificar respostas ou dados, mas enfatizou a compreensão de uma situação. E, reconhece neste ponto, que as opiniões pessoais dos entrevistados não representam uma verdade absoluta, mas um ponto de vista sobre um fenômeno que ocorreu diante deles.

A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não se busca, por exemplo, saber quantas ou qual a proporção de pessoas que identifica determinado atributo na empresa 'A'. Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. (BARROS; DUARTE, 2009, p. 63)

Com isso, foi concedida ao entrevistado a liberdade para que os fatos fossem expostos, explicados e apresentados de acordo com a escolha do próprio. Houve, na pré-produção do videodocumentário, a preocupação em elaborar um questionário composto por perguntas que pudessem responder o questionamento da pesquisa em identificar a mudança na rotina do jornalista. Mas, com a utilização da entrevista

em profundidade, os entrevistados puderam expor seus depoimentos de maneira livre e original.

As filmagens foram feitas com o entrevistador em frente ao entrevistado. Mediante as perguntas, as respostas não tinham um limitador de tempo. E cada um respondeu em conformidade com suas impressões sobre o assunto em questão.

As imagens foram captadas a partir do roteiro de produção, e tiveram como modelo de enquadramento, os planos americano e close. Para Cruz Neto (2008), o plano americano é usado “quando se filma a pessoa da cintura para cima.” (CRUZ NETO, 2008, p. 74) e o close “é quando se enquadra a pessoa na altura do peito para cima.” (CRUZ NETO, 2008, p. 74). Além destes dois, foi usado o plano geral, com imagens de longa distância, como na gráfica e no acervo da Gazeta do Povo.

Para a produção deste videodocumentário foram utilizados os seguintes equipamentos: câmeras Sony, AVCHD MPEG2 SD e Sony Z7; microfone lapela Model URX P03 e UTX B03; fone de ouvido Behringer HPS3000; bateria Sony NP-F970; led TRIOPO TTV-160 e tripé LIBEC H22DV. O formato da captura das imagens foi 16:9.

6.4 PÓS-PRODUÇÃO DO VIDEODOCUMENTÁRIO

Na fase de pós-produção foi feita a análise de todas as entrevistas e a identificação dos trechos que poderiam ser utilizados no videodocumentário. Nesta etapa, houve a separação de depoimentos e entrevistados de acordo com cada subtítulo do produto: Como era feito o jornalismo tradicional e como era o ambiente da redação; A transição do modo analógico para o digital; A internet; e Qual será o futuro do jornalismo.

Nesta etapa, foram acrescentadas imagens que ilustrassem a fala dos entrevistados sobre momentos da redação física da Gazeta do Povo, os equipamentos usados (máquina de escrever, computadores), o portal do veículo, imagens da fachada antes e atualmente. Para a edição do videodocumentário, foi utilizado o programa Adobe Premiere e para a animação e construção de efeitos o Adobe After Effects.

Foi necessária, também, a equalização do áudio que sofreu leves mudanças de acordo com o ambiente da gravação ou o volume da voz do entrevistado. O corte dos trechos com a fala ou explicação do entrevistado se deu de acordo com o roteiro

elaborado e, a partir disso, a junção das entrevistas de acordo com os temas teve a função de narrar a percepção individual, mas conversada entre os jornalistas, sobre as transformações no trabalho jornalístico com as tecnologias.

Ao mesmo tempo em que a edição acontecia já nos ajustes finais, com entrevistas, imagens, efeitos, GC e trilha sonora na abertura, passagens e encerramento, confeccionou-se o encarte para o material finalizado com 28 minutos de duração. O DVD foi elaborado com informações técnicas como o título do videodocumentário, utilizando uma imagem da redação da Gazeta do Povo de 2016 (produzida pelos autores deste trabalho). Além disso, a arte incluiu alguns efeitos e a ficha técnica da produção.

Quadro 1 – Ficha técnica

DIREÇÃO	Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins
PRODUÇÃO	Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins
PESQUISA	Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins
ROTEIRO	Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins
FOTOGRAFIA	Samia Garcia Martins
EDIÇÃO	João Vidolin
SONOPLASTIA	João Vidolin
CINEGRAFISTA	Alexsandro Cardoso
DESIGN	Hilário Menezes
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hilário Menezes
IMAGENS EM ARQUIVO	Capas de edições – acervo <i>Gazeta do Povo</i> e gazetadopovo.com.br Redação 1998 – acervo <i>Gazeta do Povo</i> Redação chegada do computador – administração <i>Gazeta do Povo</i> Foto <i>Gazeta</i> máquina de escrever - www.gazetadopovo.com.br/blogs/certas-palavras/os-95-anos-da-gazeta-e-as-transformacoes/ Capa 1997 - http://www.gazetadopovo.com.br/ra/mega/Pub/GP/p4/2015/08/12/Economia/Imagens/Cortadas/Capa%20Gazeta%2028.03.1997-kYeC-U101472753777nL-1024x576@GP-Web.jpg Vídeo ilustrando montagem papel - https://archive.org/details/NewspaperBehindtheScenes

ÁUDIO	Trilha créditos http://freemusicarchive.org/music/Kevin_MacLeod/Jazz_Sampler/AcidJazz_1430 Trilha abertura http://freemusicarchive.org/music/Kevin_MacLeod/Jazz_Sampler/Faster_Does_It_1271
DEPOIMENTOS	Antonio Carlos Silva Caroline Olinda Ewandro Schenkel José Carlos Fernandes Mauri König Rogério Galindo
DURAÇÃO	28 minutos

Fonte: Informações dos autores (2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O videodocumentário “Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje” buscou mostrar, pelo depoimento dos entrevistados, como está acontecendo a mudança na rotina do jornalista nos últimos anos. Como mencionado na introdução deste trabalho, há um fenômeno em evidência no cenário jornalístico. O modo de o jornalista executar seu trabalho não é mais o mesmo. Se antes, por conta da redação analógica, o jornalista – agora chamado tradicional – praticava uma rotina mais específica do ponto de vista da produção, hoje, numa realidade digital e conectada, este profissional teve seu processo de produzir alterado drasticamente: agora ele é multimídia. Obviamente que, diante das entrevistas, algumas ponderações são necessárias.

Em primeiro lugar, admite-se que as falas dos entrevistados não devem ser entendidas como verdades absolutas. Isso porque as visões e impressões pessoais de cada um são subjetivas e particulares. Contudo, a vivência deles, no recorte de tempo proposto no videodocumentário, lança luz e traz apontamentos em como a rotina do jornalista foi transformada com o advento dos aparatos tecnológicos e da Internet. Se por um lado não é possível obter uma conclusão exata, por outro, não se deve desprezar algumas evidências que aparecem nas entrevistas.

Em segundo lugar, espera-se que o fato de os jornalistas entrevistados terem participado do processo de transformação dentro da Gazeta do Povo contribua na compreensão do fenômeno. Isso porque os olhares são diferentes, mas o objeto – a mudança na rotina do jornalista dentro da redação do veículo – é o mesmo. E mais, esse processo também está acontecendo nas redações dos grandes jornais.

Em terceiro lugar, o jornalista da era digital tem uma preocupação que vai além da produção textual. Como mencionado pela editora Caroline Olinda, há uma cobrança do leitor muito mais direta do que num tempo passado. Quando escreve – agora principalmente para o online – o jornalista tem em mente a repercussão instantânea que seu trabalho produzirá. A produção é feita num ritmo acelerado, a postagem é realizada em seguida, e o retorno do leitor é imediato.

Em quarto lugar, entende-se que o jornalista tem muito mais autonomia. Por meio da Internet, ele tem condições de fazer seu produto alcançar um número grande de leitores. Mesmo não estando vinculado a um grande veículo de

comunicação, este profissional tem recursos acessíveis – do ponto de vista financeiro e tecnológico – que o deixam em igualdade com os demais.

Por fim, por meio dos depoimentos coletados, foi possível identificar certas tendências sobre o futuro do jornalismo. Se for acontecer o que se prevê, ainda não se sabe, mas as possibilidades são boas para a profissão. É o que os entrevistados entendem e concordam, apesar de algumas ressalvas.

Para terminar, destaca-se que esta pesquisa teve dificuldades para encontrar material teórico que trate desse fenômeno de maneira mais aprofundada aplicada à imprensa paranaense. Espera-se, desse modo, que o videodocumentário possa contribuir com esse debate, fomentar novas pesquisas sobre o tema, além de ser um registro histórico para as próximas gerações que, certamente, viverão outras transformações e seus novos desafios.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcia Nogueira, ANTONIUTTI, Cleide Luciane, FONTOURA, Mara. **Mídia e produção audiovisual: uma introdução**. Curitiba, PR: InterSaberes, 2012

ANTONIOLI, Maria Elisabete, MORAES JÚNIOR, Enio. **Jornalismo e Newsmarketing no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online**. Disponível em <http://revistas.usp.br/alterjor/article/viewFile/121436/118330> Acesso em 12/11/2016

BARBOSA e SILVA, Jan Alyne, PEREIRA, Maria de Lourdes, RIBEIRO, Rodolfo Silva. **Convergência profissional: estudo de caso das transformações no perfil do jornalista**. Disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/583/491> Acesso em 12/11/2016

BARROS, Antonio, DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

BEZERRA, Ed Porto, NICOLAU, Marcos, VIRGINIO, Rennam. **Jornalismo na era das mídias sociais: as transformações e as novas práticas da profissão**. Disponível em http://www.insite.pro.br/2011/setembro/jornalismo_midiassociais_profissao.pdf Acesso em 12/11/2016

CAVERSAN, Luiz. Introdução ao Jornalismo Diário. **Como fazer jornal todos os dias**. São Paulo: Saraiva, 2009

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

DIZARD, Wilson Jr. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida a Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins, Curitiba, 16 set. 2016 [A entrevista encontra-se no vídeo documentário Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje

FERNANDES, José Carlos, SANTOS, Marcio Renato dos. **Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo**. Curitiba, PR: Editora Gazeta do Povo, 2010.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2006.

GALINDO, Rogério Waldrigues. Entrevista concedida a Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins, Curitiba, 17 out. 2016 [A entrevista encontra-se no vídeo documentário Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

JORGE, Mendonça Thais e PEREIRA, Fabio Henrique. **Jornalismo on-line no Brasil: reflexões sobre perfil do profissional multimídia**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, 2009.

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo: um abordagem prática**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2007

MARCONDES Filho, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008

OLINDA, Ana Caroline Araújo. Entrevista concedida a Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins, Curitiba, 28 nov. 2016 [A entrevista encontra-se no vídeo documentário Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. **Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”**. Disponível em <<http://www.principo.org/apontamentos-sobre-a-historia-de-dois-jornais-curitibanos-gazet.html>> Acesso em 17/11/2016

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008

PEREIRA Junior, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo um documentário?** São Paulo, SP: Editora Senac, 2008.

SANTOS, Alexandre Correia dos. **O Jornalismo de região em consonância com a história do povo: um breve estudo da trajetória da Gazeta do Povo**. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/30245>> Acesso em 21/11/2016

SCHENKEL, Ewandro Oliveira de. Entrevista concedida a Fernando Ferreira de Albuquerque e Samia Garcia Martins, Curitiba, 17 out. 2016 [A entrevista encontra-se no vídeo documentário Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje

ANEXOS

FIGURA 1 – PRIMEIRA EDIÇÃO DA GAZETA DO POVO, EM 1919

GAZETA DO POVO

DIÁRIO INDEPENDENTE

Dir.: Benjamin Lins — Secretário: Plácido e Silva

Coritiba, 3 de Fevereiro de 1919

Assinaturas

Ano: 24000
Semestre: 12000
Mês: 4000
Número avulso: 1000
Papelaria: 500

Redacção e Officinas
Rua Dr. Muricy, 95
Edif. Tel.: GAZETA
Cidade Postal: R. — Telefone: 639

Nosso rumo

Este jornal, como já o declarou seu director em palavras profundamente distribuídas, é um jornal independente. Dedicamos a defesa dos interesses gerais da sociedade, e não a defesa de interesses particulares. Não é de nossa natureza atacar, nem de nossa natureza defender. Não é de nossa natureza atacar, nem de nossa natureza defender. Não é de nossa natureza atacar, nem de nossa natureza defender.

Este jornal, como já o declarou seu director em palavras profundamente distribuídas, é um jornal independente. Dedicamos a defesa dos interesses gerais da sociedade, e não a defesa de interesses particulares. Não é de nossa natureza atacar, nem de nossa natureza defender. Não é de nossa natureza atacar, nem de nossa natureza defender.

A successão Presidencial

A candidatura Ruy Barbosa

Para que não haja hesitação na escolha de Ruy Barbosa, a candidatura de Ruy Barbosa é a única que merece a preferência dos brasileiros. Ruy Barbosa é o homem que representa o Brasil no exterior, e que representa o Brasil no interior.

Para que não haja hesitação na escolha de Ruy Barbosa, a candidatura de Ruy Barbosa é a única que merece a preferência dos brasileiros. Ruy Barbosa é o homem que representa o Brasil no exterior, e que representa o Brasil no interior.

Notas Terenses

Senado ordinário em 31 de Janeiro de 1919. Presidente do sen. desembargador Oliveira Torres. Secretário: sr. José Costa.

Presidente do sen. desembargador Amador de Oliveira. Secretário: sr. José Costa.

Presidente do sen. desembargador Amador de Oliveira. Secretário: sr. José Costa.

O Tribunal, por motivo de voto...

O Tribunal, por motivo de voto, decidiu sobre a candidatura de Ruy Barbosa. A decisão foi unânime, e a candidatura de Ruy Barbosa é a única que merece a preferência dos brasileiros.

O Tribunal, por motivo de voto, decidiu sobre a candidatura de Ruy Barbosa. A decisão foi unânime, e a candidatura de Ruy Barbosa é a única que merece a preferência dos brasileiros.

FONTE: acervo Gazeta do Povo

FIGURA 2 – FACHADA GAZETA DO POVO NA FUNDAÇÃO EM 1919



FONTE: acervo Gazeta do Povo

FIGURA 3 – FACHADA DA GAZETA DO POVO 2016



FONTE: acervo Gazeta do Povo

IMAGEM 4 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO EM 1998



FONTE: acervo Gazeta do Povo

IMAGEM 5 – GAZETA DO POVO EM 1998: COMPUTADORES



FONTE: acervo Gazeta do Povo

IMAGEM 6 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO 2016



FOTO: Samia Garcia Martins

IMAGEM 7 – REDAÇÃO DA GAZETA DO POVO ATUAL



FOTO: Samia Garcia Martins

IMAGEM 8 – PÁGINA INICIAL PORTAL GAZETA

www.gazetadopovo.com.br

enkontra.com

GAZETA DO POVO

Quarta-feira - 30/11/2016 Edição impressa 12° | 20° em Curitiba

LOGIN | CADASTRO ASSINE AGORA

MENU VIDA E CIDADANIA VIDA PÚBLICA ECONOMIA MUNDO ESPORTES CADERNO G VIVER BEM OPINIÃO ÚLTIMAS NOTÍCIAS BUSCAR

TRAGÉDIA NA COLOMBIA

No horário da final, homenagens unem Chapecó e Medellín com estádios lotados

CRISE INSTITUCIONAL

Como os deputados vandalizaram as Dez Medidas Contra a Corrupção


EDITORIAL

CRISE INSTITUCIONAL

Clima no Senado também será hostil em relação ao pacote anticorrupção da Lava Jato


Aguardando stats.aws.rubiconproject.com...

FONTE: gazetadopovo.com.br

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		

vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

<p>JOSÉ CARLOS FERNANDES 2</p> <p>JOSÉ CARLOS FERNANDES 2</p> <p>ANTONIO CARLOS SILVA 1</p> <p>JOSÉ CARLOS FERNANDES 2</p>	<p>ABERTURA IMAGENS GRÁFICA E USO DO CELULAR/PC</p> <p>COMO ERA FEITO O JORNALISMO TRADICIONAL E O AMBIENTE DA REDAÇÃO</p> <p>IMAGEM MÁQUINA DE ESCREVER</p>	<p>07'17" "Era muito engraçado... até 07'27"</p> <p>07'29" "Como não tinha sistema intranet... até 07'36"</p> <p>2'30" "Eu não peguei... até 12'40"</p> <p>08'23" "A pauta também era em papel...até 08'56"</p>
--	--	---

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		


vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

ANTONIO CARLOS SILVA 1		Antônio Carlos Silva 1 3'23" "Pegava um carro... até 3'33"
ANTONIO CARLOS SILVA 1		3'00" "Três pautas por dia a gente tinha que cumprir... até 3'22"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		09'14" "Então a gente pegava a pauta e saia... até 09'37"
ANTONIO CARLOS SILVA 1		3'42" "E a gente ia atrás da pauta... até 4'07"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		00'15" "A grande vantagem, por incrível que pareça, gente... até 00'37"
ANTONIO CARLOS SILVA 1		4'21" "Eram umas máquinas verdinhas... até 5'04"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		00'54" "Porque o seu editor... até 01'20"

3	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		


vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

	PASSAGEM	
ROGÉRIO GALINDO	A TRANSIÇÃO DO MODO ANALÓGICO PARA O DIGITAL	03'44" "A minha geração teve que aprender a trabalhar com coisas que a gente não tinha se preparado... até 03'55"
MAURI KONIG 2		08'51" Eu convivi com jornalistas... até 09'16"
EWANDRO SCHENKEL		4'27" "Nós éramos os estranhos dentro dessa redação... até 5'22"
ROGÉRIO GALINDO	IMAGEM REDAÇÃO GAZETA DO POVO	05'26" "Acho que a geração que veio um pouquinho antes da minha... até 05'57"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		


vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

MAURI KONIG 2		09'17" "Porque é possível coexistir... até 09'47"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		04'01" "Então veja, quando chega o computador... até 04'49"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		13'45" "Essa fluidez exagerada tornava... até 13'59"
ROGÉRIO GALINDO		06'30" "Porque as pessoas resistem às mudanças... até 06'43"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		07'01" "Alguns trouxeram suas máquinas de escrever... até 07'17"
ROGÉRIO GALINDO	IMAGEM REDAÇÃO GAZETA DO POVO 1998	1'53" "Você escrevia matéria no word, salvava, fechava ela no computador... até 2'20"
ROGÉRIO GALINDO		2'25" "Você faz a pauta nele... até 2'49"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero Vídeo documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		


vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

MAURI KONIG 2	VÍDEO ILUSTRATIVO	10'50" "A minha maior dificuldade sempre foi... até 11'18"	
ROGÉRIO GALINDO		04'59" "Não é um coisa que eu me sinta muito confortável... até 05'06"	
MAURI KONIG 2		08'08" "Eu não sei se por uma resistência... até 08'31"	
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		17'12" "Então você imagina uma redação... até 18'13"	
EWANDRO SCHENKEL		9'17" "E tentar convencer a redação... até 9'40"	
MAURI KONIG 3		VÍDEO GAZETA DO POVO – REDAÇÃO ATUAL	4'18" "Mas por outro lado... até 4'55"
MAURI KONIG 3			03'03" "Cada um na sua baia de trabalho... até 03'33"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2			15'58" "Esse sistema se impôs como um caminho sem volta... até 16'13"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		

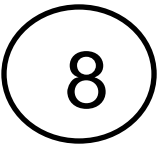
vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

	PASSAGEM	
	A INTERNET	
EWANDRO SCHENKEL		6'38" "Quando eu entrei na Gazeta a transição ... até 7'00"
EWANDRO SCHENKEL		0'28" "Eu entrei na Gazeta do Povo... até 0'51"
ROGÉRIO GALINDO	IMAGEM JORNAL MARÇO/1997	00'58 "A Internet era um mini departamento dentro da redação... até 01'18
EWANDRO SCHENKEL		8'10" "A equipe completa. Nós temos uma salinha logo aqui na entrada... até 9'12
ROGÉRIO GALINDO		02'49" "Mas a Internet também facilitou muito... até 03'21"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero Vídeo documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		


vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

EWANDRO SCHENKEL		10'52" "A gente hoje tem poder de fazer uma grave durar 3 horas... até 11'38"
CAROLINE OLINDA		Caroline Olinda 1'20" "Porque, embora a gente... até 1'57"
ANTÔNIO CARLOS SILVA 1	IMAGEM PORTAIS GAZETA, MASSA NEWS, PARANÁ PORTAL, TRIBUNA E BONDE	13'33" "O problema da internet... até 14'00"
ROGÉRIO GALINDO	IMAGEM SITE JUNHO/2010	10'36" "Boa parte das grandes matérias que a Gazeta fez... até 11'03"
CAROLINE OLINDA	IMAGEM MÉTRICA 2016	03'02" "Outra coisa que muda com o online... até 3'41"
EWANDRO SCHENKEL	IMAGEM MÉTRICA 2016	12'40" "Pro jornalista, nunca foi tão bom ser jornalista... até 12'58"
CAROLINE OLINDA		05'53" "Mas também você tem muita cobrança... até 06'23"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero VídeO documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		

vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

ROGÉRIO GALINDO		09'53" "Por exemplo, 10 anos atrás... até 10'36"
CAROLINE OLINDA		06'28" "O exercício do jornalista hoje... até 06'51"
JOSÉ CARLOS FERNANDES 2		20'16" "A gente tem muitos mais dados... até 20'51"
CAROLINE OLINDA		08'13" "Os avanços e as possibilidades ... até 08'32"
	PASSAGEM	
	QUAL SERÁ O FUTURO DO JORNALISMO	
ROGÉRIO GALINDO		11'55" "Eu sou otimista em relação ao futuro do jornalismo... até 12'31"

	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero Vídeo documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		

vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

CAROLINE OLINDA		09'18" "Eu acho que no futuro o que... até 09'34"
EWANDRO SCHENKEL		16'48" "O que eu espero, eu acho que a gente está... até 17'45"
CAROLINE OLINDA		09'59" "Então eu acho que a gente vai ter... até 10'39"
MAURI KONIG 3		3 11'13" "E imprensa só se faz com jornalista... até 11'37"
ANTÔNIO CARLOS SILVA 2		1'28" "A internet é o caminho... até 02'03"
ANTÔNIO CARLOS SILVA 3		03'14" "Os portais estão se aprimorando... até 03'26"
EWANDRO SCHENKEL		20'39" "Pessoalmente eu acredito no jornalista mais autônomo... até 21'39"

10	Título Gazeta do Povo: jornalismo ontem e hoje	Tempo	Data de entrega 1/12/2016
	Gênero Vídeo documentário		
	Roteiro e direção Fernando Albuquerque / Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin		

vídeo/imagens	tec	áudio
---------------	-----	-------

MAURI KONIG 4		01'53" "Antes, pra você montar um jornal físico... até 02'33"
ROGÉRIO GALINDO		12'31" "Agora, todas essas tecnologias só fazem... até 13'39"
	FINAL IMAGENS FOTOS ANTIGAS APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS Roteiro e direção Fernando Albuquerque e Samia Garcia Imagens Alex Cardoso Edição João Vidolin	

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS COM JORNALISTAS SELECIONADOS

1. Como era o ambiente da redação e a sua rotina no período que iniciou seu trabalho na Gazeta do Povo?
2. Como foi a transição do trabalho que era executado antes do aparecimento das tecnologias? E depois?
3. Quais eram as principais ferramentas de produção do conteúdo e quais novos métodos foram usados para acompanhar o ritmo de produção da Gazeta do Povo?
4. Na sua opinião, quais foram as maiores dificuldades enfrentadas com o advento das tecnologias e da Internet?
5. Como é a redação online em comparação com a redação offline?
6. O que você espera do futuro?